

MENSAL N.º 55 DEZEMBRO 2016 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

EDICARE

OS DIAS DO

DESASSOSSEGO

QUADRA

JOGANDO

COM OS

LIVROS

BLIMUNDA

MEDITAÇÃO SOBRE

UMA JANGADA

5 EXPOSIÇÕES

DE FOTOGRAFIA

EM MADRID

LALARA

**4**

**30 anos de  
construção  
de uma  
jangada**

Editorial

**6**

**Leituras**

Sara Figueiredo

**9**

**Estante**

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

**17**

**Cinco  
exposições  
de fotografia  
em Madrid**

Sara Figueiredo Costa

**30**

**Guadalajara:  
Filhos da  
peregrinação  
humana**

Pilar del Río

**45**

**Os dias do  
Desassossego  
em imagens**

José Frade

**52**

**A Casa  
da Andréa**

Andréa Zamorano

**58**

**Jogando com  
os livros**

Andreia Brites

**72**

**And the  
winner is...**

Andreia Brites

**73**

**Visita guiada:**

**Edicare**

Andreia Brites

**91**

***Espelho Meu***

Andreia Brites

**96**

**Saramaguiana:  
Meditação  
sobre uma  
Jangada**

José Saramago

**109**

**Agenda**

***Blimunda***

**54**

**novembro**

## **Um presente a todos os leitores**

No ano de 1982, um homem alto e magro andou pelos corredores da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) à procura de material para o romance que estava a escrever. José de Sousa Saramago, cartão de leitor n.º

3762, passou horas debruçado sobre livros sobre a vida do Padre Bartolomeu de Gusmão e sobre a construção do Convento de Maфра. As fichas da BNP, expostas na Fundação José Saramago, dão conta desse trabalho de pesquisa prévio ao nascimento de *Memorial do Convento*.

Agora, o original desse e de outros livros de José Saramago,

assim como outros documentos da «oficina» do escritor, estarão sob a tutela da BNP. Em vida, o escritor havia doado alguns documentos à instituição, como o diploma do Nobel e o original de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, e manifestado a sua vontade de que o restante do seu espólio tivesse o mesmo destino. No dia 10 dezembro, e dando continuidade a esse desejo, dezenas de documentos do autor de *Todos os Nomes* foram entregues à BNP, entidade guardiã de

tesouros como a «arca» de Fernando Pessoa, para que fiquem disponíveis para investigadores e leitores.

A doação à BNP desse vasto material possibilita que a obra de José Saramago esteja disponível para mais leitores, inclusivamente fora de Portugal – já que no futuro será possível o acesso online a esse material – sendo, assim, mais estudada e debatida. É, também, um ato de generosidade e liberdade, como bem disse António Costa, Primeiro-Ministro português, na cerimónia de doação do espólio. «José Saramago pertenceu a uma geração para quem a escrita foi muitas vezes reprimida. Ao libertar o seu espólio, doando-o à Biblioteca Nacional, e através dela a todos os leitores, faz uma última homenagem à liberdade. É um ato de libertação que no fundo é também um bom grito pela Liberdade», concluiu.

Na Fundação José Saramago continua exposta a medalha do Nobel que, juntamente com outros documentos e um vasto material multimédia, ajuda a contar aos visitantes um pouco da vida e da obra do até hoje único Prémio Nobel de Literatura em Língua Portuguesa. A partir de agora, na exposição patente no primeiro andar das Casa dos Bicos, em Lisboa, haverá uma referência ao gesto de liberdade de doar o espólio do escritor à Biblioteca Nacional de Portugal.

Blimunda 55  
DEZEMBRO 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: ( 351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

**COMO CHEGAR GETTING HERE**

**Metro Subway**

**Terreiro do Paço**

**(Linha azul Blue Line)**

**Autocarros Buses**

**25E, 206, 210, 711, 728, 735,**

**746, 759, 774, 781, 782, 783, 794**

**Segunda a Sábado**

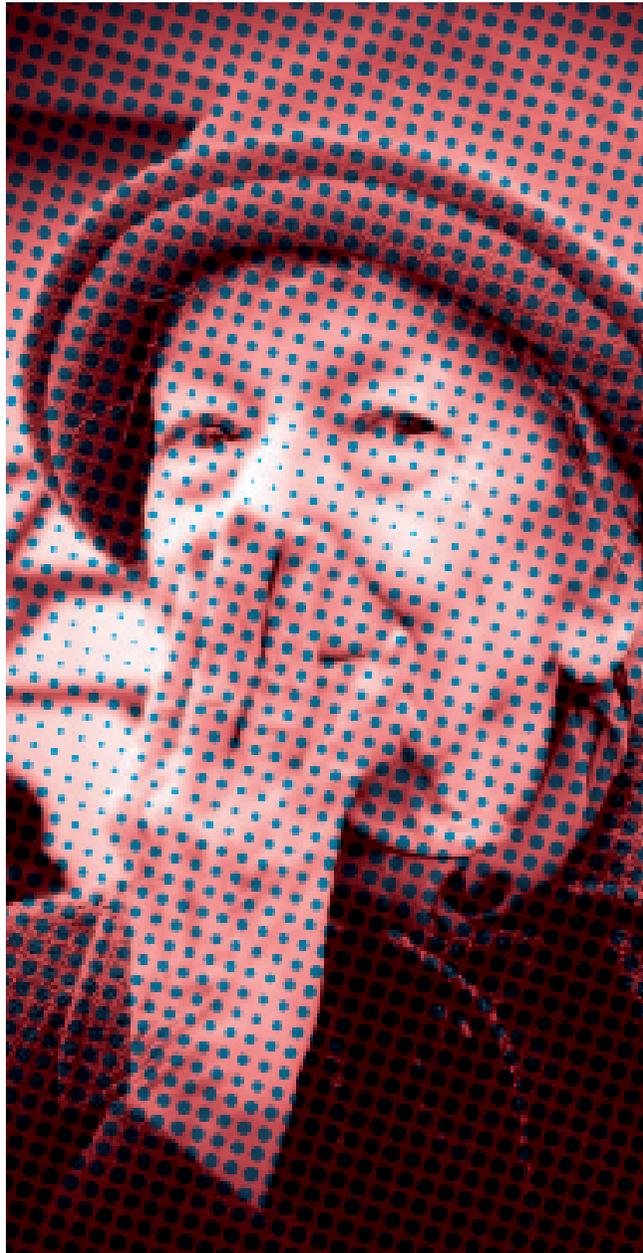
**Monday to Saturday**

**10 às 18h / 10 am to 6 pm**

# FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

## CONSELHOS POÉTICOS

A Internet será muitas coisas, entre elas um repositório de textos, imagens e ideias aos quais podemos voltar com calma e sem a pressão da atualidade. A revista colombiana *El Malpensante* disponibiliza no seu site alguns dos artigos publicados em números mais antigos e entre esse arquivo sempre em renovação podemos encontrar, destacado pela escolha dos editores da página, uma coleção de excertos de cartas escritas por Wislawa Szymborska numa coluna de um jornal polaco e dedicadas a todos os candidatos a poetas. Traduzidos para o espanhol por Cristina Esguerra, esses excertos são conselhos práticos e sinceros da autora polaca, um pouco na linha do texto clássico de Rilke, mas são igualmente uma reflexão que deixa perceber o modo como Wislawa Szymborska via o ofício poético e as linhas que procurava seguir no seu próprio trabalho. Nesta resposta ao senhor K. K., de Bytom, chamando a atenção para o facto de a poesia não ser um trabalho anárquico e sem regras, diz: «Utilizas el verso libre como si su libertad fuera absoluta. Pero la poesía (a pesar de lo que pueda decirse) es, era y será un juego. Y, como todos los niños saben, los juegos tienen reglas. ¿Por qué lo olvidan los adultos?» Noutras respostas, é mais incisiva, recorrendo ao humor para deixar clara a sua opinião. É o que acontece na resposta ao senhor G. Kr., de Varsóvia, que talvez não



tivesse na arte poética a sua maior vocação: «Necesitas un bolígrafo nuevo. El que tienes comete muchos errores. Debe ser extranjero.» E em resposta a T. W., de Cracóvia, Wislawa Szymborska traça a sua visão sobre a relação entre leitura e escrita de um modo que não deixa margem para mal-entendidos: «En el colegio no se pierde tiempo en un análisis estético de las obras literarias. Las temáticas centrales se estudian junto con el contexto histórico. Ese tipo de conocimiento es crucial pero no será suficiente para quien desee convertirse en un lector independiente, bueno; y menos aún para alguien con ambiciones creativas. Nuestros jóvenes corresponsales a menudo se sorprenden de que sus poemas sobre la reconstrucción de Varsovia después de la guerra, o acerca de las tragedias vividas en Vietnam, no sean lo suficientemente buenos. Están convencidos de que una intención honorable puede pasar por encima de la forma. Si quieres ser un buen zapatero no basta que te entusiasme el pie humano. Tienes que conocer tu material, tus herramientas, escoger el modelo correcto. Con la creación artística ocurre lo mismo.»



## AS RUÍNAS DE ALEPO

Uma reportagem da agência France Press disponibilizada pelo jornal *Público* dá conta da destruição da cidade de Aleppo ao longo dos últimos anos. Perante os mortos, muitos milhares, os ataques em todas as direções e o desespero de quem tenta fugir da Síria sem o conseguir, as ruínas de uma cidade serão coisa pouca, mas para quem está longe do lugar e sem acesso à devastação generalizada, olhar as ruínas pode ser um barómetro significativo para um pouco de compreensão sobre o que acontece há demasiado tempo no território sírio. «Durante séculos, e até ao início do conflito em 2011, a metrópole setentrional foi a capital económica do país. Um importante centro cultural que atraía turistas de todo o mundo para admirar os locais históricos, vestígios de numerosas civilizações que se sucederam numa das mais antigas cidades do mundo. Mas hoje, apenas os gatos errantes são visíveis nas ruelas cheias de escombros da Cidade Velha, declarada Património Mundial da UNESCO. A célebre praça al-Hatab, uma das mais antigas da cidade, foi invadida de barricadas de areia e de carcaças queimadas de autocarros tombados. O advogado e historiador de Aleppo, Alaa al-Sayyed, não acredita nos seus olhos. “Não consigo reconhecê-la, esta está verdadeiramente destruída. Dizem-me ‘essa não pode ser a praça al-Hatab’”, diz o historiador.»

No jornal espanhol *Info Libre*, uma cronologia ajuda a contextualizar os acontecimentos dos últimos anos na Síria.



## O HOMEM QUE QUERIA SER TAMBOR

Fran Pérez foi um dos mais interventivos músicos da cena galega contemporânea, dinamizando bandas como a Psicofónica de Conxo ou os Quinindiolas, ajudando a fundar a Sala Nasa, em Santiago de Compostela, gravando e cantando em nome próprio e sempre rodeado de amigos e partilhas que em muito extravasavam o campo musical. Em novembro, a notícia da sua morte, vitimado por um cancro, deixou a Galiza de luto, mas os ecos da ausência de Fran Pérez estenderam-se a Portugal, à Guiné-Bissau, a Moçambique e a tantas outras paragens onde deixou a sua marca artística e humana. Em Portugal, Fran Pérez desenvolveu várias colaborações, nomeadamente com a ACERT, de Tondela, onde era uma das almas de *A Queima do Judas*, espetáculo anual e comunitário realizado na Páscoa. A imprensa galega dedicou-lhe várias páginas, entre elas as publicadas no site *Cultura Galega*, que refere o último concerto do autor numa sala compostelana cheia até ao limite: «A súa derradeira intervención musical tivo

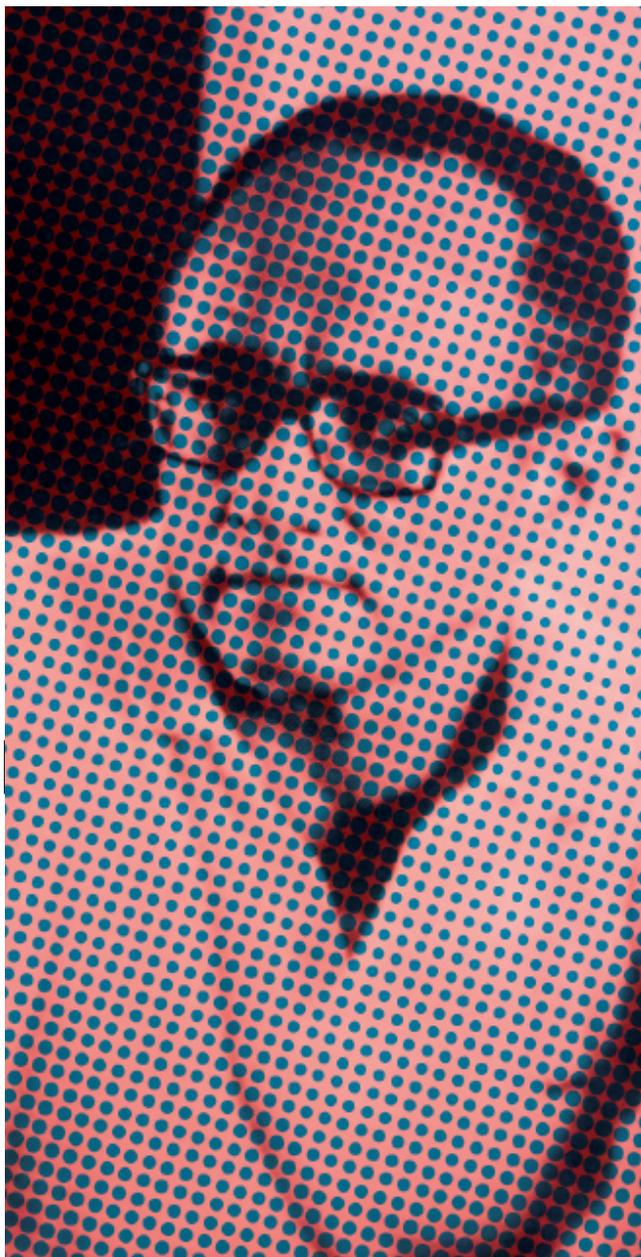


lugar no marco da celebración do WOMEX o pasado 22 de outubro no Teatro principal de Santiago cunha colaboración, como non podía ser doutro xeito, co grupo mozambicano Timbila Muzimba. Alí, ante un público entregado e moitos deles emocionados coñecedores da situación vital pola que pasaba, Narf puxo un colofón musical á altura da súa xenialidade e coherente coa súa carreira.» Na despedida, moitos lembraram a canción “Quero Ser Tambor”, do álbum *Tótem* (2007), a partir de un poema de José Craveirinha. Era apenas una das moitas pezas da extensa obra do músico, mas uma das que ficará como exemplo da sua vontade de construir pontes e de as atravessar, encontrando outros, desafiando e sendo desafiado, procurando longe ou perto, entre língua, som e afetos, tudo o que merece ser procurado.



## ESPAÇO PARA A REFLEXÃO

No âmbito da literatura e do pensamento em língua portuguesa, a revista *Caliban* tem sido um espaço privilegiado para a publicação de longos textos de análise ou ensaio sobre temas culturais. Numa entrada recente, Ney Ferraz Paiva escreve sobre o romance *Memorial do Fim*, do autor brasileiro Haroldo Maranhão, dando a ler a sua obra com reflexão apurada e detalhe. Um excerto: «Haroldo



Maranhão vai recriando o velho e derreado Ayres utilizando a topografia de sua própria casa sorumbática—tendo ele agora o corpo devidamente encaixotado sobre a cama no andar de baixo rente à porta do n.º 18 da rua Cosme Velho— "subir e descer escadas não é assunto manso" –. Posto fora dos muros do quarto, afligido de vexames, vai irrompendo numa coreografia errante de tosses, gemidos, hesitações, gagueiras, bafos, bocejos, não como um pastiche de si mesmo, já que inimitável; irrompe, sim, como um amálgama de estilo e efeito que garante à narrativa haroldiana, entregue a uma pesquisa rigorosa e de extensa duração, ajustar-se às vozes, ao conjunto de expressão e ao desenvolvimento mental do venerável morredico, honrando essa prosa explícita como de um missivista apaixonado. A pôr às escâncaras realidades semicerradas, desmontando separação entre o exterior e o interior, familiaridade e estranheza. A descrição do autor atua com ironia e paixão ao passo que o conflito do outro vai se tornando familiar.»



***Deus-dará***  
**Alexandra Lucas Coelho**  
**Tinta da China**

**UM APOCALIPSE  
COSMOGÓNICO**

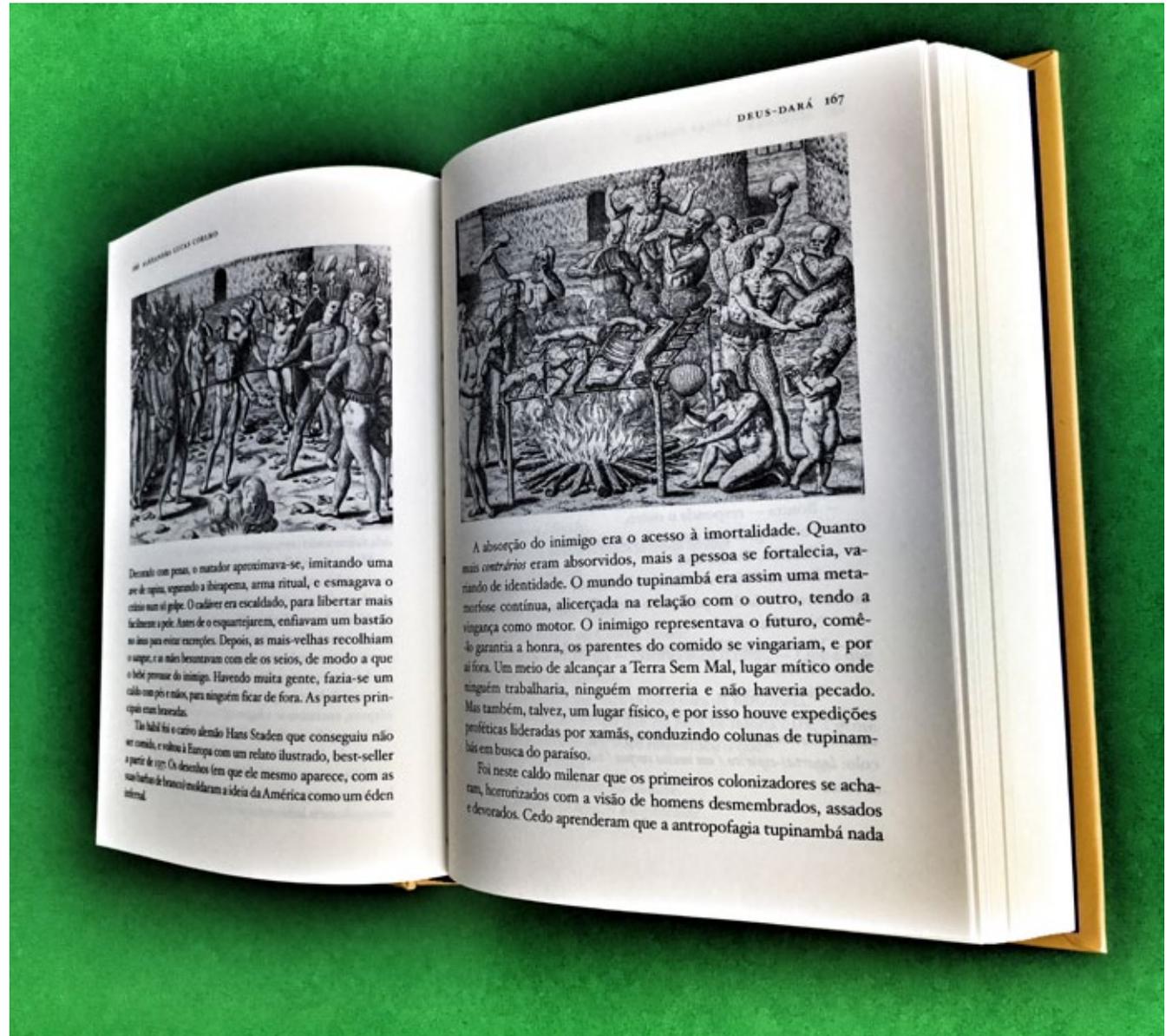
O primeiro exercício de uma leitura crítica passará por definir o modo como nos aproximamos do livro e perante este *Deus-dará*, talvez convocar livros anteriores ajude a clarificar esse modo. *E a Noite Roda*, primeiro romance de Alexandra Lucas Coelho (publicado em 2012) colocava ao leitor informado sobre o trabalho prévio da autora uma série de incómodos hermenêuticos, facilmente afastados se fosse cumprida a máxima de não misturar autor e obra, mas justificadamente presentes pelo desenrolar narrativo da própria obra. Era um daqueles casos em que cumprir uma regra básica da boa leitura nos fugia das mãos à medida que confrontávamos personagens e situações com reportagens assinadas pela autora (também jornalista, caso ainda restem dúvidas). Por outro lado, era um daqueles casos em que mandar às urtigas certas regras tornava mais interessante uma leitura de onde incontáveis questões não paravam de surgir, da suposta fronteira entre realidade e ficção às regras de género que separam, ou unem, ou ambas as coisas, literatura e jornalismo. Entre dúvidas e um intenso desassossego bom provocado pela leitura, destacava-se a vontade de experimentar, de forçar fronteiras e regras



genéricas para perceber o que há do outro lado, de perceber que a maleabilidade da linguagem também é a maleabilidade do pensamento, do comportamento, do modo como estamos e somos uns com os outros. Seguiu-se *O Meu Amante de Domingo* (2014), entre outras coisas uma celebração do prazer pouco habitual na prosa portuguesa, e agora surge este *Deus-dará*.

Em poucas palavras, o novo romance de Alexandra Lucas Coelho é uma espécie de génesis luso-brasileiro, com pouca vontade de defender o luso e com o olhar apontado ao apocalipse. Dito de outro modo, é uma monumental cosmogonia que não se fica pela criação do mundo, mostrando antes a sua contínua reinvenção a partir de um Brasil que nasce da mistura, tanto como da opressão. Se a Bíblia conta um deus criando o mundo em sete dias, já com descanso incluído, *Deus-dará* conta um mundo pela voz de sete personagens e um narrador tão descansado como a divindade genesíaca ao domingo, por já não estar entre os vivos. Difícil, e sobretudo inútil, é resumir um enredo quando o que se oferece à leitura é um novelo de enredos, ecoando passados e querendo engolir futuros, mas os leitores mais arrumados encontrarão uma definição clara deste programa narrativo lá pela página 325: «Mas se a história for o arco, o narrador será o arqueiro que liga os mortos aos vivos. Os índios sabem que os mortos dão flor e fruto, e a sombra deles vai longe no horizonte.» Da chegada dos navegadores portugueses e da insistência historiográfica em falar de descoberta (esquecendo a invasão, a mortandade, a

exploração, a colonização) às manifestações contra a Copa do Mundo, de Machado de Assis a Caetano Veloso, da prosa mais arrumada ao estilhaçar de gêneros literários, com imagens, recortes e tudo, dos emigrantes que ajudaram a definir o Rio de Janeiro às UPP que instauram o estado policial nas favelas, quase nada do que é, foi ou será o Brasil que conhecemos ou queríamos conhecer é estranho a este livro e, mais importante, nada surge aqui por acaso ou vontade de fazer bonito numa qualquer caracterização arrumada do que é ou não esse Brasil. Não tínhamos, ainda, um romance antropofagista que honrasse Oswald de Andrade comendo tudo e todos, engolindo tempos e lugares, refazendo a linguagem com as línguas de cada um, recompondo o mundo a partir de uma das margens do Atlântico como quem constrói uma história total, urgente, capaz de fazer do apocalipse um novo gênesis. Agora temos.

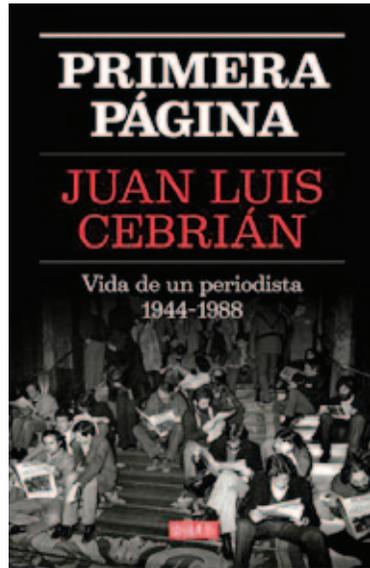


C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS  
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO  
PARALELO DOS RESTAURANTES.  
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



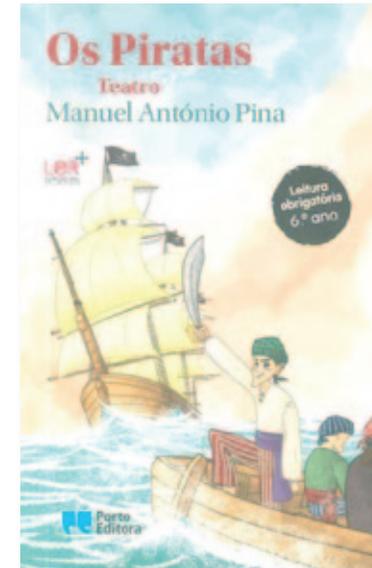
CESAREA.COM.BR



### ***Primera Página. Vida de un periodista, 1944-1988***

Juan Luis Cebrián  
Debate

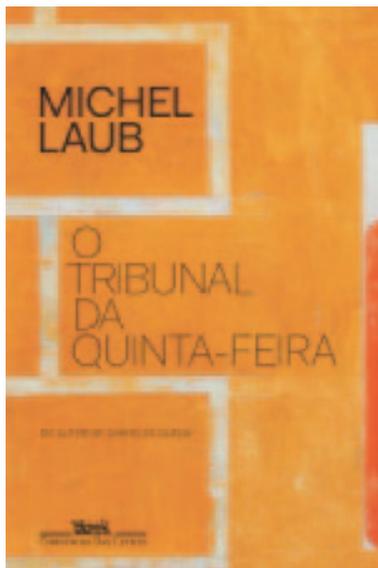
A biografia, na primeira pessoa, do fundador e antigo diretor do jornal espanhol *El País*, volume tão relevante para compreender os desafios e implicações do jornalismo na vida de uma sociedade como para conhecer de um ponto de vista pessoal, mas sempre lúcido e sem mistificações, um certo quotidiano da Espanha entre a ditadura de Franco e a democracia que lhe sucedeu.



### ***Os Piratas***

Manuel António Pina, Carla Manso  
Porto Editora

Integrada na coleção Reino das Letras é reeditada a peça teatral de Manuel António Pina, *Os Piratas*, adaptada de uma novela homónima do autor. Obedecendo a uma lógica temporal menos linear do que a narrativa e com diálogos elípticos, este texto alimenta uma tensão dramática que se ergue num universo diegético maravilhoso. Plena de elementos caros à escrita de Pina, esta peça de teatro é uma referência de um género pouco lido.

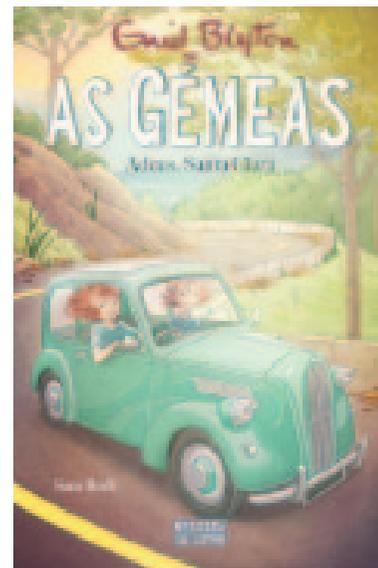


## *O Tribunal da Quinta-feira*

Michel Laub

Companhia das Letras

O novo romance do autor de *Diário da Queda* tem no centro da trama um escândalo, mote para cruzar histórias e personagens num tribunal que também é metáfora. Revelações íntimas de alguns personagens, entre a vergonha e a exibição pública, convocam o peso epidémico da SIDA para uma narrativa que é sobre a tolerância e também sobre o que nela pode ser mais equívoco do que gesto benevolente.

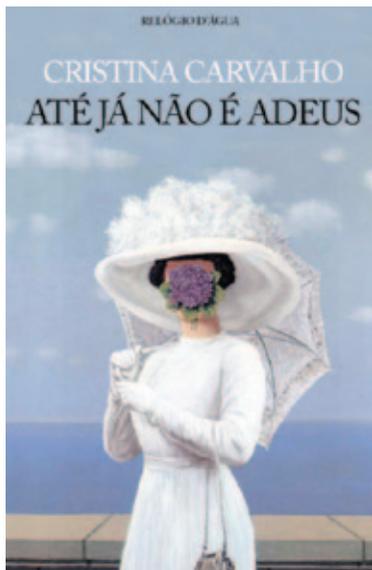


## *Adeus, Santa Clara*

Sara Rodi

Oficina do Livro

Este é o segundo volume da famosíssima coleção "As Gémeas" que não foi escrito por Enid Blyton. A portuguesa Sara Rodi deu continuidade às aventuras no colégio de Santa Clara, respeitando o estilo e a perspectiva da autora inglesa. Na verdade, não muda muita coisa: todos os acidentes ou pequenas malfeitorias caminham no sentido do aperfeiçoamento moral do grupo das meninas boas. A inovação é a chegada de uma aluna portuguesa, em contraponto com a despedida das gémeas Isabel e Patrícia, que deixam sucessoras.

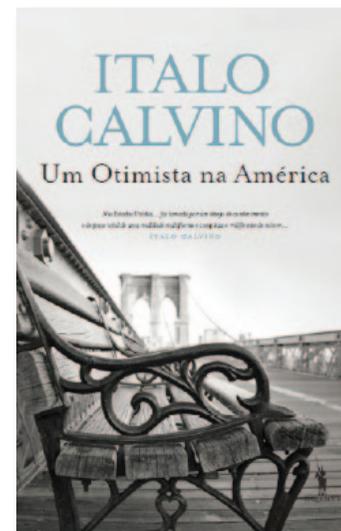


## *Até Já Não É Adeus*

Cristina Carvalho

Relógio d'Água

O novo livro de Cristina Carvalho reúne dez contos, escritos ao longo de vários anos, alguns deles inéditos. Um excerto: «Sei que quando ali cheguei não era nem dia nem noite, nem manhã nem tarde, nem as horas existiam, nem sei se o tempo era tempo. Uma interminável fila de automóveis, estacionados uns atrás dos outros, formava uma barreira sólida e escura entre o ar existente e a muralha a escorregar para o rio.»

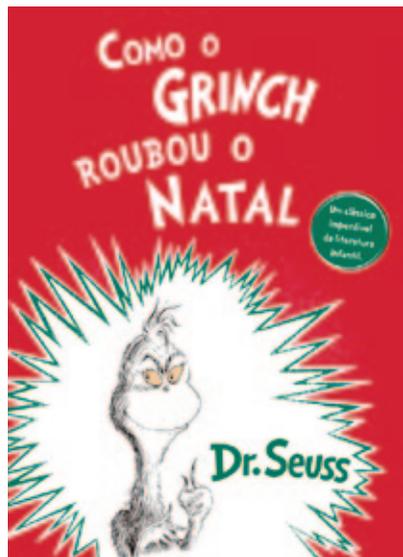


## *Um Otimista na América*

Italo Calvino

D Quixote

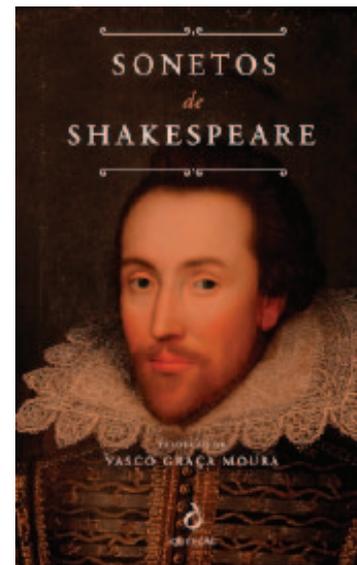
No final da década de 50 do século passado, Italo Calvino viajou pelos Estados Unidos da América, registando várias páginas de notas, observações e alguns deslumbramentos. Sobre Nova Iorque, cidade onde ficou cerca de dois meses, disse ser «uma cidade elétrica, impregnada de eletricidade, onde há carregadores de corrente a cada passo, onde se apanham choques elétricos em toda a parte em que se pousar a mão».



## *Como o Grinch roubou o Natal*

Dr. Seuss  
Booksmile

Chega finalmente ao público português o clássico de Dr. Seuss que parece ressoar Dickens. A grande diferença está na leveza da composição que se afasta do drama realista do autor vitoriano. Agora temos uma figura antipática e rancorosa como parte dos vilões que, no fundo, tudo o que querem é fazer parte do grupo dos que são felizes. Para além de verde fala em verso, o que em muito contribui para um efeito caricatural e um ritmo de *nursery rhymes* com final feliz. Nada mais a propósito.



## *Sonetos de Shakespeare*

Vasco Graça Moura  
Quetzal

Pode estranhar-se a autoria deste livro ser entregue ao tradutor, deixando o autor, Shakespeare, como fazendo parte do título, mas a estranheza desaparece quando se sabe que o tradutor é Vasco Graça Moura e que esta é a edição integral dos sonetos do autor inglês, obviamente de sua autoria, mas filtrados pela mão hábil que os transforma em matéria legível como se da nossa língua sempre tivesse feito parte.

SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA

ANDREIA  
BRITES

**BEYOND CONCRETE.**  
**WWW.MARTMAGAZINE.NET**

**mART: MACAU AND LISBON  
ON THE SAME PAGE**

**mART**



# Casa Fernando Pessoa

Quarto · *Room*  
Sala Multimédia · *Multimedia Room*  
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*  
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT



CINCO EX-  
POSIÇÕES  
DE FÓTO-  
GRAFIA EM  
MADRID

SARA  
FIGUEIREDO  
COSTA

## CINCO EXPOSIÇÕES DE FOTOGRAFIA EM MADRID

**A fotografia foi descoberta no século XIX, mas é no seguinte que a sua marca se torna parte essencial do nosso quotidiano. Em Madrid, cidade que acolhe os encontros de fotografia Photo España e onde a imagem fotográfica tem regularmente destaque garantido em museus e galerias, cinco exposições independentes parecem conformar uma constelação de imagens que dão a ver o século XX no seu esplendor de guerras, espetáculo, esperança e desilusões, mas que convocam igualmente uma reflexão sobre os ecos que de tudo isto chegaram ao novo século, aquele que vamos vivendo.**

### **Fotografar o século**

Sem as imagens que Robert Capa registou ao longo da sua carreira, o século XX que conhecemos seria outro. Boa parte das imagens mais icónicas do autor, entre elas as registadas durante a Guerra Civil de Espanha, foram feitas a preto e branco e esse é o registo que mais depressa associamos a Capa, mas o fotógrafo também trabalhou a cores e numa altura em que os primeiros rolos permitiram esta técnica. Na exposição *Capa en Color*, patente no Círculo de Bellas Artes, acompanhamos as primeiras experiências de Robert Capa com os rolos fabricados pela Kodak, acedendo a cartas e registos em que enviava, a partir dos sítios onde se encontrava em reportagem, as indicações para a correta revelação dos negativos (nem sempre com resultados que considerasse satisfatórios).

As primeiras imagens a cores feitas por Robert Capa registam momentos de descanso das tropas norte-americanas e inglesas durante a II Guerra. Numa altura em que as fotografias de guerra se apresentavam com uma gramática visual definida pelo preto e branco –

definição para a qual o próprio Capa contribuiu fortemente – Robert Capa explora um outro registo de guerra, associado ao ócio, à camaradagem entre soldados, aos momentos em que o cenário parece apenas um grande espaço de convívio entre gente fardada, criando uma outra narrativa que complementa a da frente de batalha.

Estâncias nos Alpes, pistas de corridas de cavalos, festas religiosas e populares em Itália ou cenários de filmes em rodagem são outros espaços e momentos em que Capa utiliza a cor para registar instantâneos que tiveram o seu lugar nas revistas e jornais onde colaborava, mas que poucas vezes foram vistos fora do contexto da imprensa. A fechar, as imagens captadas na antiga Indochina, cuja guerra Capa cobriu de muito perto. Foi aí que morreu, pisando uma mina enquanto avançava no terreno para fazer mais uma fotografia. Conta quem presenciou o momento que morreu com a câmara nas mãos, mantendo até ao fim a aura romântica que a posteridade e a qualidade do seu trabalho ajudaram a criar.



**ROBERT CAPA, [SPECTATORS AT THE LONGCHAMP RACECOURSE, PARIS], CA. 1952.**

© ROBERT CAPA/INTERNATIONAL CENTER OF PHOTOGRAPHY/MAGNUM PHOTOS

### ***Gente que salta***

Philippe Halsman nasceu em Riga, em 1906, tendo-se naturalizado norte-americano depois de uma errância atribulada por diferentes países europeus. Entre os muitos trabalhos fotográficos que realizou, assinou várias capas da revista *Life*, fotografou atores, presidentes da república de diferentes países, realeza, artistas, cientistas e quase todas as pessoas que hoje reconhecemos na história na sociedade do século XX. *¡Sorpréndeme!*, exposição patente na Caixa Forum, reúne mais de trezentas fotografias de Halsman, mostrando o intenso trabalho na revista *Life*, imagens registadas em diferentes cenários e ocasiões e a série de fotografias de Salvador Dalí, com quem trabalhou intensamente ao longo de mais de três décadas.

Halsman fotografou muito para a imprensa, efémera por natureza, mesmo que muitas revistas *Life* com trabalhos seus continuem a ser guardadas e revisitadas pelos seus felizes possuidores, mas editou também alguns livros, dois deles muito presentes nesta exposição. *Jumpology* reúne fotografias de centenas de pessoas que Halsman fotografou em algum

momento, com a particularidade de todas elas fixarem o momento em que o retratado saltava. Quando iniciou este trabalho, o autor teve algumas indecisões como resposta, mas rapidamente o processo se tornou conhecido entre muitos dos retratados, que aceitavam, à margem da sessão fotográfica destinada a uma revista ou jornal, deixar-se fotografar enquanto saltavam. Philippe Halsman acreditava que no momento do salto qualquer pessoa revelava a sua verdadeira essência, sem pose, sem preparação prévia, e o resultado é uma galeria que inclui Nixon, Grace Kelly, Audrey Hepburn ou os Duques de Windsor. Inclui também Marilyn Monroe, que inicialmente se mostrou pouco ou nada receptiva a esta ideia, acabando por protagonizar uma sessão de saltos fotográficos que rendeu centenas de disparos e algumas fotografias icónicas. Outro dos livros destacados na exposição é *The Frenchman*, uma série de retratos mostrando o rosto do ator Fernandel que compõem uma entrevista visual. Na página da esquerda, uma pergunta (por exemplo, «Nós, os americanos, somos contra o pecado. E o senhor?»), na da direita, a resposta em forma de



**PHILIPP HALSMAN-DALI,  
IN VOLUPTAS MORS, 1951.**

expressão facial, não faltando ironia e algum sarcasmo.

Numa altura em que a generalização da televisão enquanto meio de comunicação de massas parecia ameaçar a fotografia, Philippe Halsman assumiu o papel de contrariar essa ideia, criando imagens fortes e capazes de se deixarem apropriar pelo público de modo tão intenso como as imagens em movimento que começavam a entrar diariamente em cada casa. À semelhança do que fez Jean Cocteau quando quis trabalhar com Serguéi Diáguilev, diretor dos Ballets Russos, e este lhe disse que para conseguir esse feito só teria de o surpreender (episódio que o fotógrafo citava abundantemente), Philippe Halsman conseguiu surpreender o mundo usando para tal o espaço da imprensa, onde as surpresas já eram curtas e efémeras. As dele, continuam com a mesma força do dia em que ganharam contornos a tinta sobre o papel.

### ***A lente melancólica***

Na Fundación Canal Isabel II, a exposição *La Belleza del Cuotidiano* mostra perto de duzentas fotografias de Robert Doisneau, selecionadas pelos seus

descendentes. A abrir o percurso expositivo, uma vitrine guarda a Rolleiflex que Doisneau utilizava para a maioria dos seus trabalhos, elogiando-lhe as qualidades e o facto de a sua utilização obrigar a um ligeiro baixar de cabeça que, quando se tratava de fotografar pessoas, podia funcionar como gesto de cortesia.

As imagens mais icónicas de Doisneau marcam presença nesta exposição, entre elas a célebre fotografia do beijo entre um homem e uma mulher, registada em frente ao Hotel de Ville, em Paris, em 1950. Meio mundo reivindicou ser uma das metades desse casal aparentemente apaixonado, até ao momento em que dois atores confirmaram terem sido contratados para uma encenação fotográfica. A revelação podia ter beliscado a força icónica da fotografia, mas não há como apagar da memória coletiva de uma imagem que se tornou símbolo do fim da guerra e da esperança sentida nesse momento.

O fim da II Guerra é, aliás, um dos momentos mais retratados por Robert Doisneau, ele próprio combatente na Resistência francesa. Depois de



**ROBERT DOISNEAU, PALM SPRINGS, 1960**

afastado dos combates, por invalidez, dedicou-se a retratar a guerra e, posteriormente, os momentos que, de um modo ou de outro, cristalizavam essa euforia sentida pela Europa e pelo mundo quando o conflito chegou ao fim.

Depois do percurso pelo preto e branco que atravessa os meados do século XX e que olha o quotidiano com a melancolia de quem procura imagens pouco óbvias e aquilo que o primeiro olhar pode esconder, uma série chama a atenção por fugir ao registo que mais imediatamente associamos ao trabalho do fotógrafo. As fotografias Palm Springs foram feitas na década de 60, numa temporada norte-americana que começou em Nova Iorque antes de se mudar para a Califórnia e para este espaço onde uma comunidade de reformados endinheirados vivia os seus dias de lazer longe da turbulência do mundo. A cores, Doisneau registou jogos de golfe, lanches à beira da piscina, bailes, quartos cheios de dourados e decorações *kitsch*, tudo sempre atravessado por uma espécie de tristeza colorida onde cada momento de festa parece encenado

para o olhar benevolente do vizinho e não tanto o resultado de uma felicidade genuína. Algumas destas imagens foram publicadas na revista *Fortune* e a sua circulação terá ajudado a formar uma gramática visual, rapidamente apropriada pelo cinema e a televisão, em torno de uma classe social que habitava a América como se o mundo acabasse logo a seguir à mesa dos cocktails.

### ***Gente no espaço***

As fotografias feitas pelo norte-americano Bruce Davidson no bairro do Harlem, em Nova Iorque, nos anos 60, contribuíram definitivamente para uma discussão sobre o modo como o território que habitamos define a nossa vida e o olhar que os outros assumem sobre ela. Por trás de paredes onde a humidade ganha terreno, entre prédios pouco aconchegantes e ruas desorganizadas, a vida quotidiana mostra-se para a objetiva. Quartos pequenos e meticulosamente arrumados, cozinhas modestas com mesas onde se convive, mesmo quando a comida



**BRUCE DAVIDSON, BROOKLYN, NUEVA YORK, 1959.**

© BRUCE DAVIDSON/MAGNUM PHOTOS

é pouca, espaços que teimam em ser vivos contra todas as probabilidades. Antes disso, já Davidson tinha fotografado os gangs juvenis de Brooklin, aproximando-se de tal modo do seu objeto que conseguiu imagens onde a falta de caminhos esmaga a possível violência, tantas vezes encenada.

Onde a lente de Davidson encontra a História dos Estados Unidos de modo mais intenso é na série dedicada aos direitos civis, registrando manifestações, momentos onde a segregação racial imposta pelo Estado e abraçada pela sociedade é notória, situações em que alguns arriscaram a pele para que muitos pudessem viver com dignidade. As fotografias da imensa Marcha de Washington ou de Martin Luther King são disso exemplo, tanto como os retratos de manifestantes hoje desconhecidos cujo contributo foi igualmente essencial para a mudança que acabou por ser alcançada.

Fora dos Estados Unidos da América, Bruce Davidson fotografou em lugares como Espanha, Itália, México, França ou Reino Unido, sempre mantendo o foco nas pessoas que retratava e na relação destas com o espaço. As suas fotografias mais recentes parecem ter abandonado esse foco, centrando-se nas plantas, primeiro a partir de imagens do Central Park, depois detendo-se nos pequenos detalhes vegetais que se entrelaçam

e organizam de um modo que, visto em grande aproximação, sugere as mesmas relações espaciais que interessaram o autor no início da sua carreira, agora quase metáforas de um gregarismo que talvez não seja apenas característica humana.

### **Confronto visual**

As imagens dos refugiados que tentam sair de um lugar onde a vida se tornou demasiado agreste e alcançar qualquer outro ponto geográfico que lhes permita alguma esperança chegam-nos diariamente pelos écrãs mais ou menos móveis. É discutível se tal abundância de imagens ainda cumpre o propósito de informar, mobilizando o olhar, ou se já se tornou uma enxurrada que não temos como processar, tornando quem vê indiferente ao que vê. Do Médio Oriente ao México, do Norte de África ao Sudeste Asiático, as imagens repetem-se, mesmo que cada pessoa transporte apenas a sua própria história. A exposição *Somos Migrantes*, patente na Caixa Forum de Madrid, reúne trabalhos de vários fotógrafos, instando o público a colocar-se na pele de quem procura abrigo longe de casa e enfrentando tudo.



**MALETA, MÓNICA LOZANO, MÉXICO**

## CINCO EXPOSIÇÕES DE FOTOGRAFIA EM MADRID

Organizada pela associação EntreCulturas e pelo Servicio Jesuita a Migrantes do México e de Espanha, esta exposição mostra imagens registadas na fronteira entre o México e os Estados Unidos da América, nos pontos onde quem foge do Norte de África procura entrar em Espanha, nos muitos focos de diáspora forçada que espalham as vítimas da guerra na Síria pelas armadilhas do Mediterrâneo e pelas barreiras com que a Europa se fecha sobre si mesma.

*Borders*, uma série assinada pela fotógrafa Monica Lozano recria as histórias de alguns refugiados. São as únicas fotografias encenadas, feitas em estúdio, e acabam por ser as imagens mais desconcertantes desta mostra. A autora conta a história de cada um dos refugiados que fotografa recorrendo a elementos que integraram as suas tentativas de fuga de um lugar, construindo narrativas que se plasmam numa só imagem. A fotografia que faz o cartaz de *Somos Migrantes* mostra uma mala de onde sai uma mão, um braço, deixando perceber que o conteúdo da mala é, na verdade, uma pessoa. É a fotografia de um homem que, aos 42 anos, escapou da Alemanha de Leste dentro de uma mala como a da

imagem e que se deixou, posteriormente, fotografar por Lozano no seu estúdio. O mesmo acontece com a mulher marroquina que chegou a Algeciras, em Espanha, dentro do pneu sobressalente de um camião, ou com o homem que remou num bote, com mais onze pessoas, entre o Senegal e as Ilhas Canárias. Sabemos que aquelas imagens foram criadas quando os sujeitos que as protagonizam já estavam em segurança, por vezes muito tempo depois disso, por oposição às imagens de Sergi Cámara ou Kristóf Hölvényi, que apontaram as objetivas em pleno processo de fuga de centenas de pessoas, mas não há pacificação que nasça dessa certeza. Talvez porque as imagens captadas nos momentos da fuga guardem ainda alguma esperança, mesmo que ténue, e as imagens encenadas por Monica Lozano ofereçam ao olhar muito mais do que um processo concluído e arrumado no passado: a certeza de que toda a esperança do mundo não basta para contrariar o mal que fazemos uns aos outros desde que o mundo é mundo e que os territórios se muniram de fronteiras e exércitos.

FEIRA  
INTERNACIONAL  
DO LIVRO DE

G U A D A

PILAR DEL RÍO

L A J A R A

FILHOS DA  
PEREGRINAÇÃO  
HUMANA

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

Somos leitores, lê-se na entrada do enorme recinto ferial, e ninguém se surpreende. No final das contas, é pura lógica: numa bem sucedida feira do livro não devem faltar leitores. O que chama a atenção é o número, as intermináveis filas, os barulhentos grupos, o burburinho das esperas, a festa. E as perguntas surgem: De onde é que saem tantos leitores, tantos escritores, tantos livros? Para quem? Para quê? Escrevo da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, a FIL. Desmesurada alegria capaz de tirar a nostalgia de quem, vendo tantos livros e sabendo que jamais os poderá ler, acaba entendendo que, pelo menos, poderá amá-los como obra própria. Digo, obra do género humano ao qual, com mais ou menos sorte, pertencemos. A FIL procura ancorar-se nos valores do humanismo, é um lugar de conhecimento sabiamente inserido no necessário mercado editorial. Quem organiza, fique já claro, é a Universidade de Guadalajara. Não há garantia maior para uma empresa do que ser apoiada por uma universidade que vive conscientemente na sociedade à qual pertence e a faz viver com mais consciência.

As cifras da FIL são espantosas: mais de 800 mil visitantes, 605 apresentações de livros, 700 autores convidados, 21 mil profissionais do livro, 2013 editoras, 304 agências literárias, 2397 jornalistas, 44 países representados. E foros académicos, foros políticos, concertos, teatro, a FIL dos miúdos, a dos jovens, um piano que toca, ecrãs que explicam que a FIL é também ciência, um casal gay que anda de mãos dadas, outro, hetero, com uma criança que diz olá ao palhaço que surge de uma ilustração, as árvores que crescem no recinto fechado e que, inexplicavelmente, se abrem em todas as direcções, basta olhar os milhões de livros que esperam o visitante e são, todos e cada um, portas abertas. A curiosidade humana é infinita. E a humanidade que circula pelos corredores da FIL, também. Este 2016, a FIL completa 30 anos e, para isso, decidiu convocar o continente latino-americano, ou seja, uma frota de países que chegaram com as suas mais diversas cores, seus singulares escritores e uma curiosidade comum: "Que demónio é essa tal América Latina?". E trataram de responder, uns aos outros, colombianos



EXPO GUADALAJARA

30 AMÉRICA LATINA  
FERIA INTERNACIONAL DE GUADALAJARA INTERNATIONAL BOOK FAIR

FORO FIL

CULTURA

nitum.  
La Velocidad

ENTRADA DA FIL. © FIL / GONZALO GARCIA



SANTILLANA

loqueleo  
SANTILLANA

leer es diverso

OCEANO

OCEANO

CIONES B

OCEANO

VENDA NOTURNA. © FIL / GONZALO GARCIA

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

a brasileiros, mexicanos a chilenos, porto-riquenhos a cubanos, ou a nicaraguenses, uruguaios, argentinos, em diálogos sérios, às vezes cruzados por certa melancolia que os escritores se empenhavam em superar, convocando a literatura e afirmando que o continente existe porque tem quem o conte. Outros, como Laura Restrepo, empregaram uma doce ironia (...) para «continuar a construir um continente com as nossas palavras», declaração política para ser escutada no Norte, tantos nortes do mundo, que não sabem que este continente chamado América Latina colocou em órbita milagres literários que continuam a percorrer o universo das letras. Falo do Boom, aquele que Carpentier, Juan Rulfo e Cortázar, e depois García Márquez, Carlos Fuentes e Vargas Llosa, com José Donoso e tantos outros, foram inventando e mantendo para que o romance não morresse, contrariando os agourentos académicos europeus. Falávamos da América Latina e “en eso llegó Fidel” como cantava Carlos Puebla.

A notícia da morte de Castro percorreu a cerimónia de inauguração da Feira e a própria feira. Como em qualquer sociedade viva, as opiniões multiplicaram-se, mas neste círculo inteligente houve o cuidado de evitar os lugares-comuns que depois começaram a chegar através dos meios de comunicação, que mais pareciam atordoar que informar. No discurso de abertura, Raúl Padilla, presidente da FIL, leu um comunicado de pêsames dirigido ao povo e governo cubanos e recordou que Cuba, parte da «Nuestra América», como também é chamado o continente, era país convidado. Fazendo uso da irrenunciável liberdade, muitos dos assistentes do ato inaugural aplaudimos, outros preferiram manter os braços cruzados. A liberdade de atuar é uma conquista quotidiana: vi Mario Vargas Llosa não aplaudir, numa sala que aplaudia, e senti que é isso o que queremos: diversidade e respeito. A seguir, a Universidade de Guadalajara colocou uma página necrológica nos meios de comunicação que dizia: «Fidel Castro Ruiz, ex-presidente e líder da Revolução Cubana, ícone da luta independentista latino-americana e estadista do Século

LOS MUROS LIMITAN,  
LOS LIBROS LIBERAN

DEL DEL QUE



**CASAM-SE GABRIELA E HÉCTOR, QUE SE CONHECERAM NA FEIRA  
HÁ UNS ANOS ATRÁS. ©FOTO/NATALIA FREGOSO**

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

XX». México conhece bem Cuba, ambos os países encontram-se há séculos «longe de Deus e perto dos Estados Unidos». Sobram as palavras, era compreensível que Fidel Castro ocupasse a FIL e que os leitores procurassem livros sobre Cuba e estivessem à espera de Leonardo Padura, que acabou por não chegar. Preferiu ficar em Havana e que as suas palavras não fossem as protagonistas daqueles dias.

**N**o caminho para a zona das muitas salas de conferência e apresentações havia um corredor com uma proposta lançada por um dos países convidados de honra: pediam, debaixo de árvores brancas com nomes de poetas que já não estão e que talvez sejam imortais, que quem passasse lhes deixasse mensagens. A minha foi para Mario Benedetti. Discreta, apenas digo que, emocionadamente, lhe agradei os seus poemas. Da «árvore da vida» do poeta uruguaio trouxe uma flor com o seguinte verso:  
«...tengo una soledad  
tan concurrida  
que puedo organizarla  
como una procesión».

Não está nada mal isso de poder deixar uma mensagem a escritores que já morreram. Alguém as receberá e o mundo manterá o equilíbrio, pelo menos no capítulo do amor escrito e lido, o inesquecível amor a que muitos de nós somos chamados, basta estar atentos.

**T**er recebido o Prémio Nobel de Literatura não é condição para intervir na Feira, mas foram muitos, e brilhantes, os que deixaram as suas reflexões e assinaram livros na FIL. Cito alguns: Toni Morrison, Orhan Pamuk, Nadine Gordimer,

Le Clézio, William Golding, Herta Muller, Vargas Llosa, García Márquez, José Saramago... Que maravilhosa constelação de contemporâneos de todos os seres humanos, como anteviu Octavio Paz.

As coisas não mudam se fizermos sempre o mesmo, diz o ditado popular. Por isso a FIL outorga prémios literários todos os anos a escritores que são únicos e distintos. Perguntei à diretora da Feira, Marisol Schulz – corpo e alma voando de um pavilhão a outro sem perder jamais o sorriso nem os ajudantes que, com auscultadores e microfones, a rodeiam – pela implantação desses prémios na FIL, e ela olhou-me com perplexidade pensando que talvez me faltassem luzes para entender que só ao



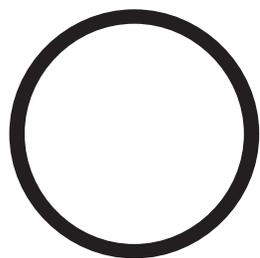
**GEORGE R.R. MARTIN, AUTOR DE A GUERRA DOS TRONOS. © FIL/GONZALO GARCIA**



**TEATRO "EL SUR VIAJA EN TREN" NA FIL NIÑOS. ©FIL/ EVA BECERRA**

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

demonstrar que somos muitos o mundo poderá sentir o alívio de ver-se pensado. A FIL atua para o mundo, para dar a conhecer a sua diversidade, não para celebrar-se a si mesma, premiando os mais próximos, compreendi. Não disse isso a Marisol, porque ela já estava com a delegação chilena, com Miguel Insulza, e com aquela que pode vir a ser presidenta do México, Margarita Zabala, que escolheu este lugar para apresentar o seu livro e a sua evidente candidatura.



Prémio FIL para Literatura em Língua Romances entrega-se na sessão de abertura. Este ano o ganhador foi Norman Manea, homem de todos os exílios, nascido na Roménia, que escreve porque encontra consolo no ato de escrever, forma principal de vincular-se com a sua pátria, essa que foi obrigado a abandonar, com a sua casa e com os seus livros, como tantos outros escritores a quem rendeu homenagem – expulsos também dos seus livros, casas, idiomas, vítimas na interminável história da infâmia. O tom de Manea é pausado, lê deixando espaço para que respiremos, mas às vezes esquecemos a necessidade do ar ouvindo a dor

e o clamor de um ser extraordinário e vibrante na sua estranha humildade. Manea conhece Fernando Pessoa e José Saramago, leu-os e entendeu-os, agora só quer sentir o calor dos seus corpos em Lisboa. Será em breve.

**E**a pergunta continua, um dia após o outro, em debates, mesas-redondas e colóquios: Que raio é essa tal América Latina? Alguém disse que é um lugar onde Trump (autêntica besta negra da FIL, sem ninguém que o defendesse nem respeitasse) não reina. Não é assunto para brincadeiras: a situação será muito difícil para o continente. É que «o mundo não resiste à tentação do mal», disse Nélida Piñon, sentida com o que acontece no continente que é sua casa. Juan Gabriel Vasquez acrescentou que a identidade latino-americana tem a ver com a permanente sensação de derrota que sempre sentem os latino-americanos. «Mas a derrota abre muitas possibilidades», acrescentou. E foi aplaudido.

Há na FIL algumas sessões que são «Encontros de autores com mil jovens». E pelo barulho e palmas são mais de mil pessoas a ouvir, por exemplo, a escritora mexicana Elena Poniatowska, Prémio Cervantes, entre tantos

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

outros, mulher de vida muito longa, jornalista, romancista, de estatura baixa e sorriso enorme, capaz de fazer as perguntas mais ousadas ao poder e partilhar com todos a maior ternura. «Poni», como é chamada pelos que a queremos, é uma aristocrata da cultura e da bondade, uma militante de esquerda embora tenha nascido para cultivar um título nobiliário. Forjou o seu destino. Poucas vezes uma compleição física tão delicada terá albergado tanta força. E tanta doçura num par de olhos azuis.

A leitura de *A Jangada de Pedra* colocou-nos a navegar. Com esse livro de José Saramago, que completa 30 anos, como a FIL, viveu-se um momento poético. Era o texto, era o ator que o lia, José María Távira, jovem e experiente homem que deu voz à magia dos personagens que sentem tremer a terra e aos governos que não são capazes de entender que o mundo se move, e com ele as sociedades e, às vezes, as penínsulas. O radical IbExit que José Saramago descreve é entendido na América Latina como uma tentativa de aproximação e de respeito, como se a Península Ibérica estivesse a rebocar a Europa até outras realidades que estão para

além do seu próprio umbigo, esse onde se foi afundando e do que parece ter pouca energia para sair, a não ser que a terra volte a tremer e haja quem a sinta e escreva nas paredes de todas as cidades «Nós também somos Ibéricos». Ou Ibero-americanos. Lorena Maza, a diretora da leitura dramatizada, soube extrair a essência do livro e os espectadores aplaudimos. Sentimo-nos, como disse Nélide Piñon, filhos da peregrinação humana que não acaba, mas que temos o dever de continuar, aproximando continentes, ou, pelo menos, literaturas, pessoas, nós mesmos.

A FIL é um planeta que se aproxima de Portugal.

Quando se encontrarem, veremos iluminados, e noutra continente, arte, cultura, música e gastronomia, tradição e modernidade, os criadores e a economia das terras lusitanas. E as pontes construídas com palavras e livros continuarão a ser atravessadas, é urgente esta comunicação agora que temos que inventar diariamente novas maneiras de trabalho e de convivência.

Uma das estrelas indiscutíveis da Feira de 2016 foi Rigoberta Menchú, a guatemalteca Prémio Nobel da Paz, tão esperada como as suas palavras, a firmeza da resistência diante do assédio do sistema, que deixa vítimas

AL DEL LIBRO DE GUATEMALAJARA INTERNAT

RIGOBERTA MENCHÚ. ©FIL/ PAULA ISLAS



**MARIO VARGAS LLOSA NA INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE LITERATURA  
IBEROAMERICANA CARMEN BALCELLS. ©FIL/NABIL QUINTERO**

## FILHOS DA PEREGRINAÇÃO HUMANA

invisíveis que, no entanto, reclamam voz e consciência por parte daqueles que ainda estamos vivos. Falou, consolou e estimulou: são premissas que só os grandes conseguem cumprir. As grandes.

**M**ario Vargas Llosa prestou homenagem a Gabriel García Márquez, amigo de muitos anos de quem «a maldita política» o separou, e «que escreveu um livro sem precedentes nem continuadores». Falava de *Cem anos de Solidão*, sucesso estrondoso que ninguém esperava, nem o próprio autor, e que de repente significou uma libertação para os escritores latino-americanos que viviam diferentes exílios e sofriam com as caricaturas que deles e das suas literaturas se faziam. Disse Vargas Llosa, ao falar do esplendor do Boom, que esse movimento uniu e deu personalidade a um continente que ainda continua em construção. «Sobrou-me o triste privilégio de apagar a luz», disse depois de recordar todos os nomes dos que com ele estiveram. Ele não sabe, ou talvez saiba, que a luz desse movimento não se apaga. Querido Mario, estás liberto desse trabalho.

**A** FIL de 2017 será dedicada a Madrid. O México foi sempre uma terra hospitaleira, abriu as portas a todos os exilados, judeus que escapavam da barbárie do nazismo, republicanos que fugiam do horror do franquismo, latino-americanos perseguidos por todas as ditaduras, cineastas norte-americanos que o macarthismo perseguiu, e outros tantos, responsáveis pela mistura de apelidos de ressonância azteca e polaca, todos mexicanos. Madrid comparecerá como país convidado para agradecer o acolhimento aos espanhóis republicanos, o México agradecerá a bagagem cultural recebida com essa chegada. Será uma festa imperdível. *A Jangada de Pedra* continua a navegar, veremos onde amanhecerá amanhã.

Texto publicado originalmente no *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias* n.º 1205

The background of the entire page is a repeating pattern of pink-outlined glasses of various shapes and sizes, set against a solid yellow background. The glasses are scattered across the page, creating a dense, textured effect.

# **OS DIAS DO DESASSOSSEGO EM IMAGENS**



**ALEXANDER SEARCH, POR JÚLIO RESENDE E SALVADOR SOBRAL**

# Dias do Desassossego'16

Pessoa e Saramago nas ruas de Lisboa  
16-30 nov

Leituras no Largo de S. Carlos:  
Dizem que o mundo existe  
27 nov, 17h

Fundação José Saramago e Casa Fernando Pessoa

FEGEAC

ENSAC

FEI

vegado

«DIZEM QUE O MUNDO EXISTE», LEITURAS NO LARGO DE SÃO CARLOS,  
POR JOANA MANUEL, CLÁUDIA JARDIM E ANDRÉ ALBUQUERQUE

A young man with dark hair, wearing a dark suit and a dark shirt, is playing a violin. He is looking intently at the instrument. In the background, a woman is seated at a piano, playing. The setting is a library or a room with many bookshelves filled with books. The lighting is warm and focused on the performers.

**ENSEMBLE JOVEM JOSÉ SARAMAGO**



**LEITURAS NA TASCA DAS GALEGAS**



**«LER, DAR A LER, FAZER LER, QUERER LER», CONVERSA  
SOBRE PROMOÇÃO DA LEITURA**



## Desassossego'16 16-30 nov

Organização | Galpaz Inquérito  
Local | Casa Fernando Pessoa (Travessa da Ribeira Nova, 7)  
Programa | com Miguel Cardoso, Raquel Nobre Guerra, Teresa Coutinho  
26 de Novembro às 20h30

Contrariando a ideia de que a prosa é feita em silêncio, vamos ouvir em voz alta textos de ficção, ou outros, que não são feitos de versos. Juntamo-nos a um dos lugares de leitura da cidade, convidando quem está connosco no desassossego a vir também.

**Valério Rombó** nasceu em França, em 1974. Licenciou-se em Filosofia na FCSH. Tem escrito contos ("O religioso romântico", revista Magnum; "Falsas na Cidade", revista Construções (v. 10), S. Becket) e tem colaborado com diversas antologias nacionais na definição de núcleos de sentido em peças multilíngues (Elements of being, com Beatriz Castinho e Ricardo Jacinto, Porto Voz; Corpo Volátil, com Beatriz Castinho, Publico Autismo, em 2012; O do João, em 2013; Do Fovinho, em 2014, pela Albyrno; Falsas, pela Companhia das Letras, em 2013; A Mãe pela Gulbitorina, em 2014, e Der Raibões para o Aspirar o Ser-Gato, pela Mariposa Actual, em 2015).

**Miguel Cardoso** nasceu em Lisboa em 1976. Passou alguns anos longe, e agora vive por cá. Entre vários outros textos dispersos, publicou seis livros de poesia: Que se diga que vi como a foice cortiz (Mariposa Actual, 2010), Pleno Emprego (Douda Correia, 2013), Os engodos necessários (A-n-t, 2014), Fruto Frio (Douda Correia, 2014), A barbúve impugna-se os estendidos (A-n-t, 2015) e Viveres (Tinta-da-China, 2016).

**Raquel Maria Nobre Guerra de Oliveira** nasceu em Lisboa. É licenciada e mestre em Filosofia, ex-bolsista da FCT investiga para o doutoramento a categoria de «fragmento» na obra de Fernando Pessoa. O período mais feliz da vida académica culminou com a colaboração na Biblioteca Nacional e digitalização da biblioteca de Pessoa, sob coordenação de Jerónimo Fizarro (2008). Viveu um período na biblioteca da Universidade de Santa Bárbara, sob orientação de João Camilo (2012). Tem vindo a participar cada vez menos em colóquios. Publicou Grato Sono (Mariposa Actual, 2012); Saudação a Álvaro de Campos (Palavras Por Dentro, 2013); SMS de Amor e Ódio enviados de 13 para 14 de Junho (Amor-Livro, 2014); Senhor Roubado (Douda Correia, 2016). Escreve na cozinha e tem quatro gatos.

**Teresa Coutinho** nasceu no Porto em 1988. Vive em Lisboa. É actriz e coordenadora do ciclo de poesia "Clube dos Poetas Vivos", uma parceria da Casa Fernando Pessoa com o Teatro Nacional Dona Maria II.

### A SEGUIR NOS DIAS DO DESASSOSEGO

Contatinhas | Para a Infância | Fundação José Saramago  
26 de Novembro às 10h30 - entrada livre  
Com Luís Carmelo e Nuno Morão

ORGANIZAÇÃO  
CASA FERNANDO PESSOA E  
FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO  
FOTOGRAFIAS  
JOSÉ FRADE



A C A S A

DA

A N D R É A

ANDRÉA ZAMORANO

## SOLIDARIEDADE

O ar cheirava a incenso barato, a madeira queimada. A pequena sala de espera da associação de imigrantes estava impregnada pelo odor monótono do bambu que não disfarçava a morrinha do desprezo que cada homem inscrito na folha de papel já carregava.

Três páginas presas numa prancheta suspensa pela força de um prego, uma caneta *bic* dependurada numa corda amarelada. Todos os que chegavam no segundo andar da Rua da Madalena cumpriam o ritual: paquistaneses, nepaleses, cabo-verdianos, uns quantos brasileiros e alguns indianos, sem exceção, inscreviam-se na lista para depois esperarem sentados pela sua vez.

Percorria a sala tentando desvendar os semblantes dos que haviam sido enganados por um patrão inescrupuloso que prometera um contrato que nunca chegara; ou dos que foram ameaçados por um escroque com uma denúncia, caso se atrevessem a reclamar o pagamento dos honorários do trabalho já prestado; ou ainda, dos que entregaram quinhentos euros a um funcionário público para lhes ser atribuído um número na segurança social, já seu por direito, que entretanto o sistema decidira agora dificultar. Quinhentos euros a

mais na conta que ascendia aos cinco mil dólares emprestados por um agiota em Pokhara – uma distante e fria cidade no Nepal – permitiriam contribuir, fazer os descontos e ser aceite no SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) ao abrigo do art.º 88. O preço da corrupção a ser pago para tentar sair de uma sub-vida. Quem sabe, com alguma distração da sorte, pudessem até ter uma aposentadoria miserável que só mesmo os imigrantes desejam com tanto fervor. Pagar impostos é ter a ilusão de que se é igual.

Que homens sentados eram aqueles cujas cabeças ora pendiam para frente entre as mãos ora encostavam-se para trás contra a parede repleta de palavras bem-intencionadas, línguas incompreensíveis saudando com entusiasmo os que chegavam, “bienvenue”, “benvenuto”, “bienvenido”. E que palavras não ditas ocupariam as cabeças pendulares dos homens sentados?

Os homens que já haviam deixado as suas mulheres, os seus filhos, os seus países, entregavam agora os seus nomes, as suas nacionalidades, a informação redutora dos seus géneros mas, sobretudo, as esperanças a quem os atendesse naquela tarde, na associação. Ansiavam que esse alguém fosse capaz de lhes retirar o manto da invisibilidade que qualquer imigrante ilegal aprende a usar tão logo deixa a sua terra natal.

Gopal, Ibrahim, Yog, Adiel, Denilson e Rajés não eram apenas nomes

numa lista. Ainda que finjamos que não estamos a vê-los quando a porta da cozinha de uma das pizzarias da moda acidentalmente fica aberta por mais tempo, espreitamos de esguelha lá para dentro e, afinal, os italianos são todos nepaleses ou paquistaneses; por mais que nos custe, esses homens também sonham, amam, fazem planos e querem o mesmo que António, Pedro, João ou Manuel.

E, quando por ironia, esse mesmo país que recebe tão bem os refugiados contudo se opõe a acolher os imigrantes, é, em simultâneo, o país com a maior taxa de emigração da União Europeia. Então é chegada a vez de António, depois de Pedro, de João e, por fim, de Manuel serem atendidos numa associação de imigrantes esquálida, porém valente, na Alemanha, na Suíça, em França ou na Inglaterra. Tudo o que esses homens querem é ser iguais a Antoine, Peter, Johann ou Emmanuel. Nessa altura, e talvez só nessa altura, descobrirão que todos desejamos o mesmo.

# O LAGARTO

Um livro que une as palavras de **JOSÉ SARAMAGO**  
e as xilogravuras de **J. BORGES**

Uma nova leitura  
da crónica com  
o mesmo título  
escrita por  
**JOSÉ SARAMAGO**  
em 1972.



# GERADOR

*a levar a cultura*  
**PORTUGUESA**  
**A TODO O**  
*lado*

O GERADOR É UMA PLATAFORMA  
DE ACCÃO E COMUNICAÇÃO  
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



JOGGANN-  
DOCCOMM  
LIVROS

ANDREIA BRITES

Neste final de ano foram várias as editoras que apostaram em livros que de uma ou outra forma se relacionam com a temática do jogo. Todos são distintos entre si e conjugam-se num mosaico profícuo.

O que é um livro-jogo? Um objeto com a materialidade física do livro, com páginas, capa, contracapa e lombada cujo interior resulta num passatempo lúdico, sujeito a regras de execução, duração e eficácia? Será um manual de instruções? Ou será que, a partir do momento em que as páginas ganham volumetria através de construções mecânicas para promover uma lógica de adivinhação, isso basta? Um livro-jogo pode incluir uma narrativa, um poema, uma ficção? Poderá ser literário? Até onde vai a relação entre o objeto livro e um desafio que o ultrapassa?

### **Do livro ao jogo**

*Céu de Sardas*, uma história para jogar (Inês d'Almey e Alicia Baladan, Bruaá) é um álbum. Um álbum que vale por si só, na relação entre texto e imagem, na qual se cumpre o próprio tema: o jogo. A narrativa é muito clara na sua poética: as sardas de uma menina e os sinais (pintinhas) da outra são pretextos para que ambas se percam em brincadeiras que criam outros universos. Os caminhos surgem refletidos nas ilustrações, onde há linhas que se jogam entre mãos, tabuleiros de xadrez onde se estabelecem percursos estratégicos ou nem por isso, miniaturas de casas, árvores, carros ou pontes que se dispõem em mapas desenhados, ou ainda personagens que ganham forma e vida. Cada momento em que ambas apresentam

as suas pintas e sardas é um convite à exploração, ao jogo, à imaginação. O que acresce a este álbum é precisamente um jogo que não o integra e sim complementa. Trata-se de um encarte em forma de harmónio que convida a inventar histórias a partir de 54 imagens destacáveis. O que o álbum implicitamente sugere, o jogo completa com orientações precisas. Mantém-se a ideia das constelações e as duas cores, uma para a face, outra para o verso do círculo destacável, recordam as duas personagens. As histórias podem ser criadas por muitos ou poucos jogadores, sem tabuleiro ou com um, sugerido nas instruções: um corpo humano que se vai enchendo de pintinhas e sardas ou outro, já cheio e cuja história se deve contar da cabeça para os pés, como sugestão. O jogo alimenta-se da narrativa

e de certa forma regressa a ela, com muito mais extratexto.

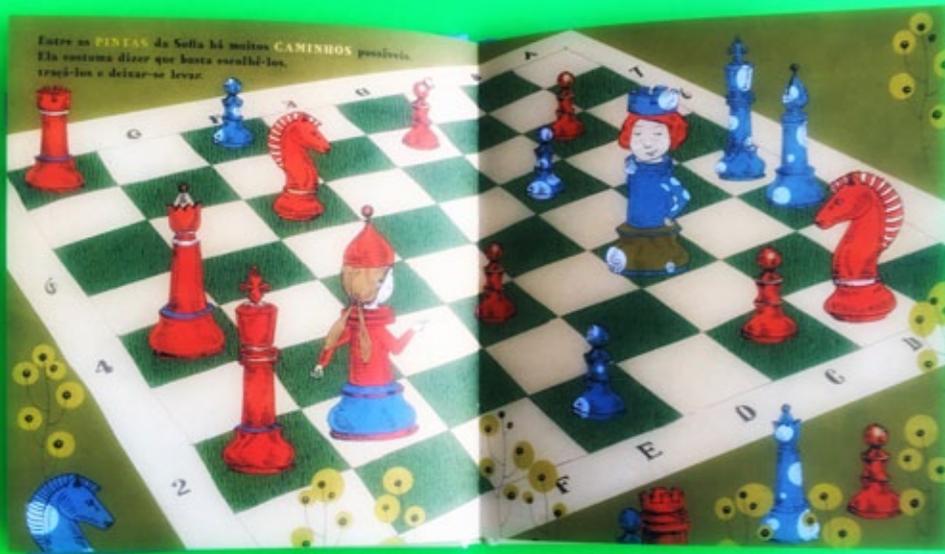
No caso de *Os Puzzles do Tigrezinho* e do *Ursinho*, de Janosch, que a Kalandraka acaba de lançar, a narrativa já não existe senão como referente exterior. Depois das quatro aventuras dos dois amigos inseparáveis, edita-se agora um livro de formato aproximado, com cinco puzzles cujas peças chegam ao leitor encaixadas nos mosaicos que constituem as páginas pares deste jogo. Nenhuma das ilustrações consta dos quatro títulos editados em Portugal, mas a coleção original não se esgota nestas obras. Todavia, é possível relacionar algumas delas com as temáticas das narrativas que conhecemos, como a da viagem à procura do Panamá, a do circo (ainda não editada por cá) ou ainda a da comunicação à distância, logo no primeiro

puzzle, no qual o carteiro entrega uma carta ao Tigre. O facto é que há cada vez mais um aproveitamento icónico de figuras que nasceram em contextos da criação de álbuns e agora ganham uma vida paralela. O que este puzzle, à imagem de outros, tem de especial é precisamente o respeito pelo formato do livro, estabelecendo assim um diálogo que o impede de desaparecer e chega a potenciar a sua leitura e releitura.

### **Lógica, observação e interpretação em que formato?**

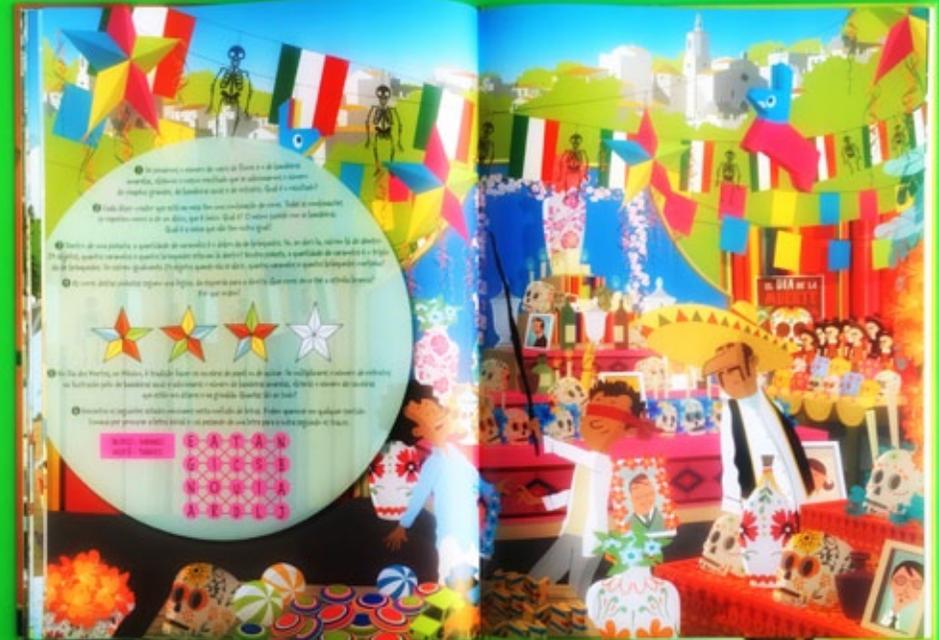
Quebra-cabeças numéricos, problemas de lógica e álgebra disfarçada não são uma novidade. Desde as revistas que se vendem em banca (quem não se recorda da febre SUDOKU?) até ao mundo virtual, são diversas as modalidades disponíveis no mercado. *Um*

*Mundo de Jogos*, de Àngels Navarro, editado pela Nuvem de Letras propõe ao leitor que resolva entre sete e cinco enigmas a cada página dupla. Podem ser exercícios de lógica, de álgebra, de observação, de língua ou de raciocínio. O motivo é o do cenário criado nessa página dupla, que varia entre uma estação espacial da NASA e os canais de Venezuela, uma estância de ski e a comemoração do dia dos mortos, no México. As geografias são distintas e os desafios alimentam-se e chamam a atenção para os detalhes da imagem que revelam algo sobre aquele lugar. No final podem encontrar-se as soluções, o que permite a cada um explorar o livro ao ritmo que entender, sozinho ou acompanhado, numa mesa ou no chão da sala, tendo em conta a sua dimensão, que se aproxima da do jogo de tabuleiro.



## CÉU DE SARDAS OS PUZZLES DO TIGREZINHO





**UM MUNDO DE JOGOS**

**UM DIA DE LOUCOS, TRINTA OSSOS DUROS DE ROER**



Ao invés, a Bruaá aposta em *Um Dia de Loucos, trinta ossos duros de roer*, uma narrativa de humor, plena de desencontros e acidentes. Escrita por Walter Benjamin para um programa de rádio que também apresentava entre 1927 e 1933, esta história acompanha as peripécias de um homem na tentativa de encontrar um amigo ao longo de um dia. Uma tarefa simples transforma-se numa odisseia em que situações paralelas acabam por condicionar e interferir nos planos do protagonista. Como se não bastassem estes acasos, o narrador logo alerta o leitor (originalmente ouvinte) para 15 erros na narração, incongruências que devem ser descobertas, e para outros 15 enigmas ou adivinhas que será convidado a adivinhar. Tudo está bem explicado no preâmbulo da história. O leitor deve inclusivamente assinalar cada erro

que descortine e a resposta para cada adivinha. No final, é preciso fazer contas: cada resposta vale dois pontos e cada erro um. Depois, verificam-se as soluções no próprio livro. É um exercício que pode ser feito individualmente e em silêncio, como ser lido a um grupo. As ilustrações de Marta Monteiro têm uma componente teatral, pelas perspectivas que escolhe e pelo movimento que confere às figura através de múltiplos traços. As cores fortes ampliam ainda mais esse cenário quase caricatural que se aproxima de Jacques Tati. É um jogo dentro de uma narrativa e só existe nela. Quantas vezes terá esta de ser lida para o jogo ser jogado?

## Livros mecânicos: o jogo que resulta da transformação

Não significa que exista um jogo com intenção de vitória. Os livros mecânicos implicam um desafio ao leitor. Se este não aceitar a interação a leitura não se cumpre. Sejam mais lúdicos, poéticos ou narrativos, assim funciona.

*Caça aos pontos*, de Andy Mansfield (Edicare) tem qualquer coisa de Hervé Tullet. O uso da cor e da geometria ao serviço do lúdico são elementos comuns. Neste livro, o desafio corresponde inteiramente ao enunciado patente no título: o leitor deve procurar pontos num padrão recorrendo a mecanismos de manipulação do papel. O número de pontos a encontrar vai aumentando ao longo das dez propostas e a cor também se

altera. Parece simples mas não é. À medida que vai tentando, o leitor-jogador vai sendo obrigado a refletir sobre a forma como está a responder, repetindo e alterando as suas ações. Quando surge o resultado, além da satisfação inevitável há um espanto. O livro parece um mágico que nos oculta um processo que desconhecemos e nos deslumbra quando conseguimos que se nos revele. Embora o processo seja distinto e o objetivo mais simples neste outro livro mecânico da Edicare, *O que estás a fazer?*, de Olivia Cosneau e Bernard Duisit também provoca esse espanto. E provoca-o no ato de confirmação. A cada página dupla repete-se a questão, muda o protagonista. Pode ser um pinguim, uma galinha, um pavão, um pelicano, um pintarroxo, uma coruja, um flamingo ou um pica-pau mas o que todos querem

saber é o que está ele a fazer. E, embora todos partilhem a classe animal, não se imitam nas ações. Contudo, não é ao movimentar o papel que o leitor encontra a resposta. Ela é dada no texto da página da esquerda. Assim, o pop-up que permite fazer aparecer algo que estava escondido apenas (e não é pouco) confirma visualmente a informação de que dispomos. Acontece porém que essa confirmação oferece algo para além do texto. O que come o pica-pau, o que vê a galinha quando espreita ou como dançam os flamingos, por exemplo.

Outro exemplo distinto de um livro que precisa da intervenção do leitor para funcionar é o mais recente título da coleção Pijamarama (Michaël Leblond, Frédérique Bertrand), da Kalandraka. *Paris em Pijamarama* volta a convocar o leitor para uma

viagem noturna pelos céus de uma metrópole, acompanhando o menino com a sua capa de super-herói. Na grelha de acetato listada de negro está o segredo do movimento que se espera visualizar. Seja de automóveis ou pessoas, a perspetiva é aérea o que permite que as formas não estejam definidas. O que interessa mesmo é a velocidade e isso depende apenas da movimentação da folha de acetato. Já as luzes tornam-se mais nítidas e o efeito é fiel. A Torre Eiffel ilumina-se aqui e ali, os vitrais de Notre Dame irradiam cor, os néons piscam e as pás do Moulin Rouge não se aquietam. Como o poder está literalmente na mão do leitor, cabe-lhe a si visitar e visitar cada espaço como lhe aprouver, depressa ou devagar. E ver tudo o que quiser, nessa visita guiada em que também ele colabora.

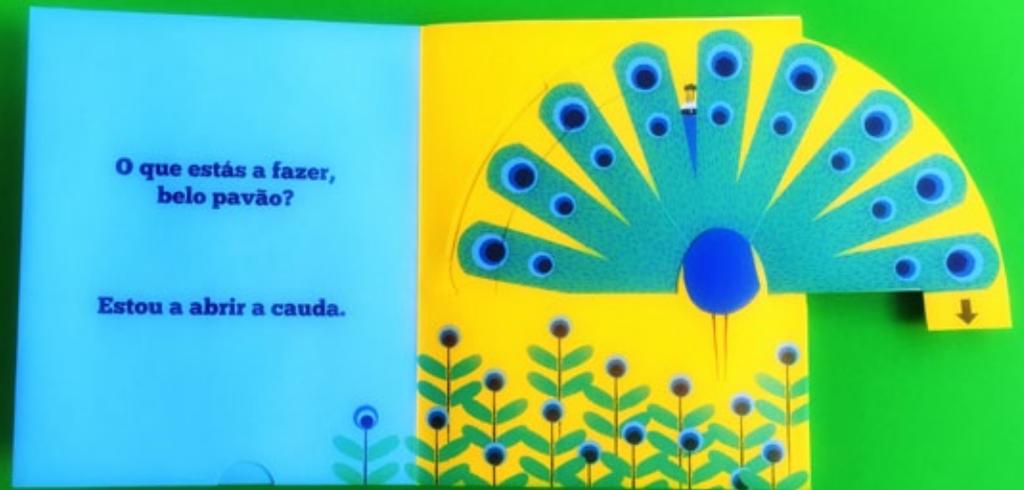
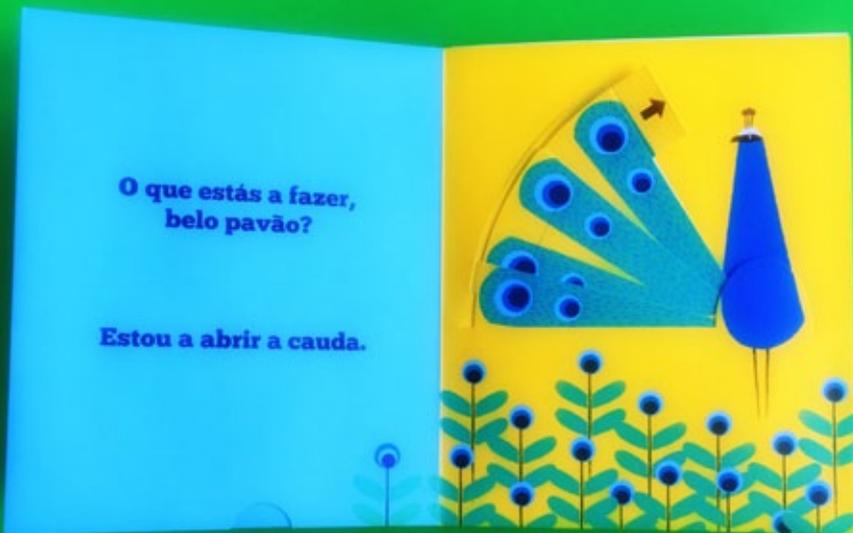
### **Livros que interagem na imaginação**

Ao contrário dos livros mecânicos, há propostas textuais que se dirigem aos leitores e lhes propõem ações que não resultam em nada na estrutura do livro nem tão pouco na sequência do que se apresenta na página seguinte. No entanto, estabelece-se um pacto com o leitor que segue as indicações explanadas como efeito de prolongamento deste jogo imaginado. Na sua coleção Cantos Redondos, essa é a premissa do Planeta Tangerina. Acabadinho de sair, o mais recente título não procura objetos em malas perdidas, nem reproduz sons ou tão pouco arrisca perder o medo do mar. *Batata Chaca Chaca*, de Yara Kono, é um livro de receitas que começa num preâmbulo entre a horta e o transporte de géneros para em segui-

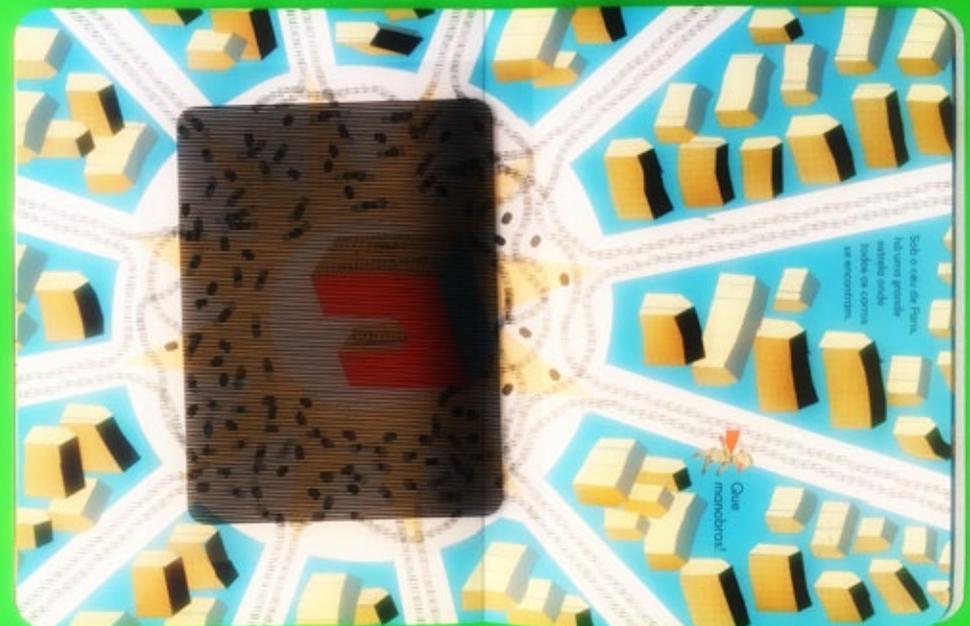
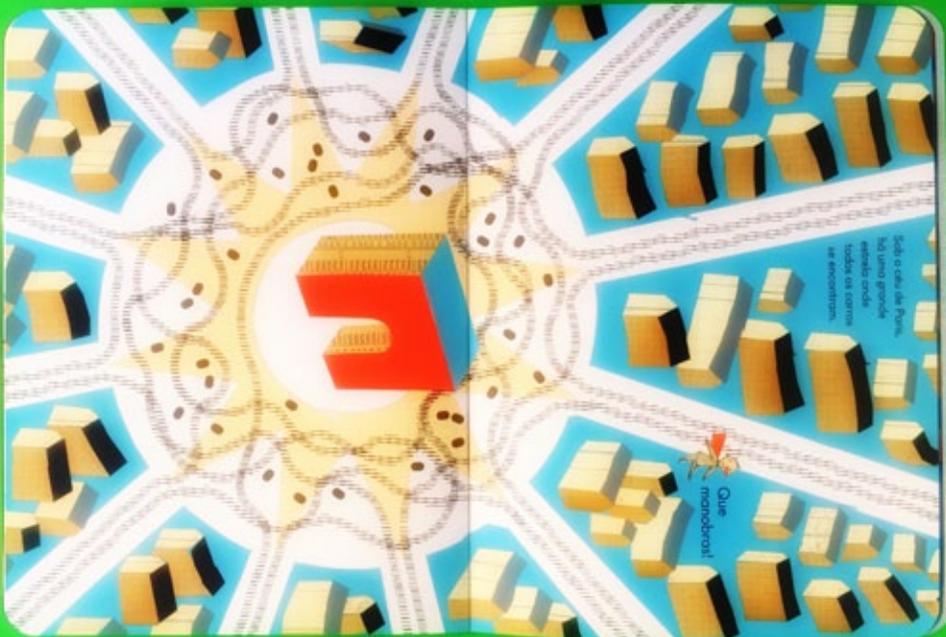
da nos abrir uma cozinha de par em par. A partir daqui cada passo é uma sugestão ao leitor e ele é levado a colaborar, encontrando legumes, lavando as mãos, temperando a salada, esticando a massa, deitando ingredientes num cozinhado... O livro é a base desta refeição completa, cheia de cor e sabores distintos. Deve ser fechado, rodado, aberto. Se servir à posteriori como auxiliar de memória para a confeção destes pratos, nada contra. Até lá, o leitor entra na cozinha e delicia-se com tamanho manjar de cor e formas.

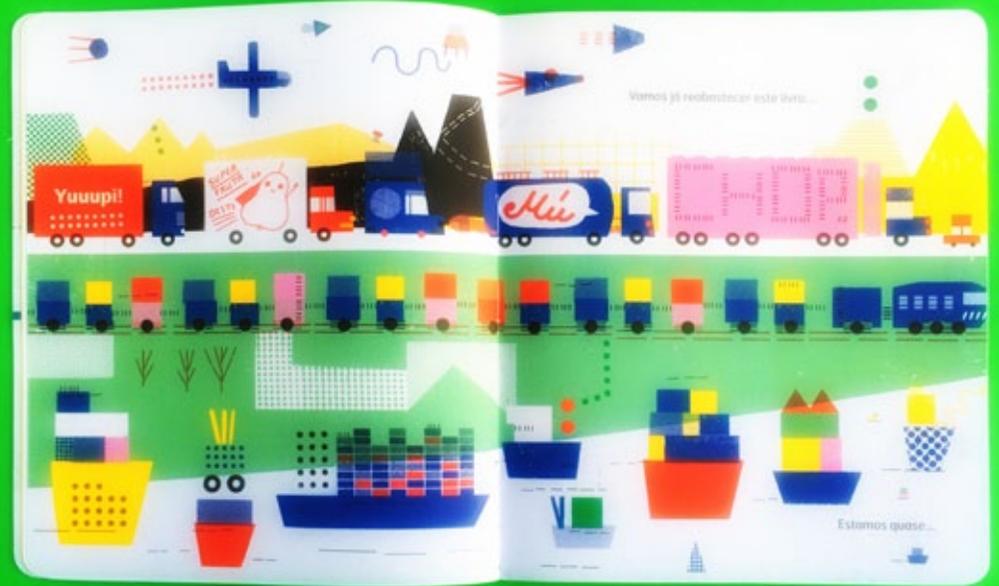
### **Do jogo ao livro**

A Booksmile tem vindo a apostar na edição de livros que derivam de jogos. O licenciamento de marcas como a Mojang que detém o jogo de computador *Minecraft*



**O QUE ESTÁS A FAZER?  
PARIS EM PIJAMARAMA**





# BATATA CHACA CHACA MINECRAFT



ou a Lego permite à editora traduzir livros criados como mais um produto de suporte e comunicação das respetivas marcas. Para este Natal, a Booksmile acaba de lançar *Minecraft*, *Fortalezas Medievais* e *Nexo Knights*, o *Código dos Cavaleiros*, *Guia para Aprendizes*.

O primeiro destina-se a instruir o jogador de estratégias diversas na construção de um castelo e da aldeia que lhe é adjacente. Que configurações ajudam a uma melhor visualização do inimigo, que materiais usar para proteger a fortificação, que elementos surpresa construir são algumas das indicações apresentadas com recurso a uma profusão de imagens. Desengane-se contudo quem considere este livro uma aposta vã. Estas instruções contribuem para um maior conhecimento da arquitetura de época, com

variantes geográficas e pormenores sociais que vão desde diversas composições da sala do trono à biblioteca ou às masmorras, dentro do castelo, e à estalagem, aos mercados ou à catedral no exterior. Não faltam sugestões de decoração e apontamentos sobre a vida na época medieval.

Já o estilo da Lego apela mais à ficção originalmente criada para o ecrã. As personagens da série de animação são as mesmas que aqui vão dialogando e comentando todas as regras que o código dos cavaleiros pretende transmitir ao leitor, boicotando a seriedade e solenidade exigidas pelo mestre. Ao longo do livro são apresentadas regras de conduta relativamente ao vestuário, a horários, ao cumprimento de tarefas e às várias componentes da aprendizagem. A sua estrutura convida a entrar no campus e vivenciar,

através das etapas descritas, a experiência de ser um Nexo Knight. Ao adquirir toda a informação necessária, o leitor poderá recriar espaços e reinventar momentos e situações ao brincar, para além de reconhecer o ambiente na série e nos jogos.

O que poderá suscitar alguma reflexão é justamente a necessidade sentida pelas marcas de criarem um produto em forma de livro, quando o jogo já existe. Num momento em que tanto se discute a influência do mundo virtual, com as suas próprias lógicas ficcionais, a sua fragmentação e os estímulos multissensoriais, na perceção da realidade e na leitura será que o público-alvo do jogo *Minecraft* ou dos *Nexo Knights* se interessará por livros sobre os jogos? A quem se destinam? E, inversamente, porque será necessário criar jogos que derivam de livros? Para

usar a imagem forte do livro ou para levar outros leitores até ele?

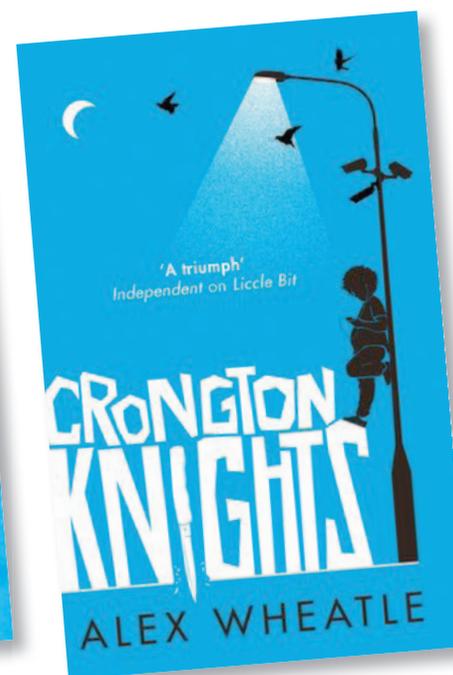
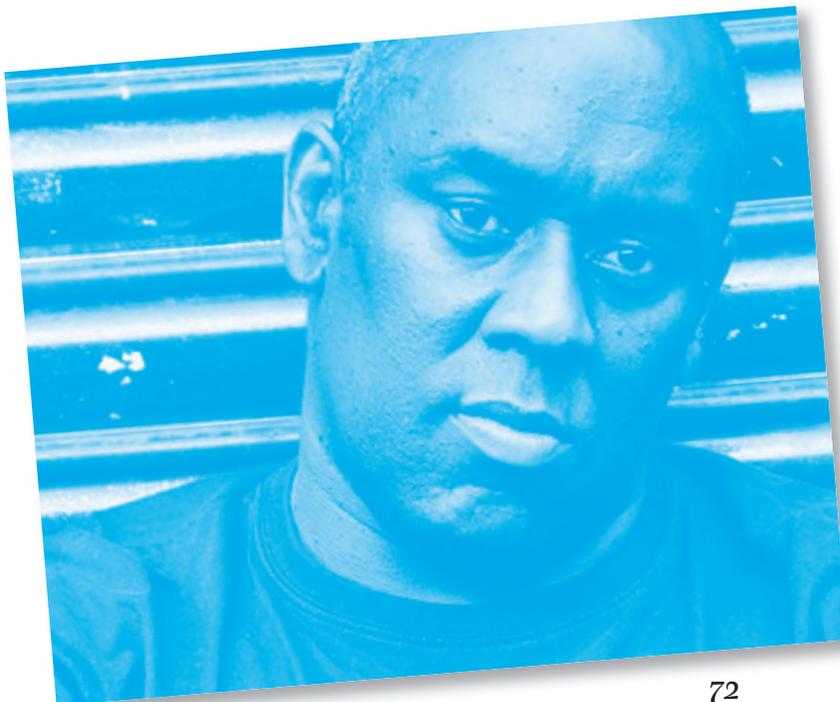
A verdade é que a relação entre livros e jogos sempre foi estreita e as fronteiras não são em todos os casos absolutamente claras. Pela história de séculos dos livros mecânicos tanto quanto pelas *apps* que derivam de textos editados em livro é evidente que se continuarão a editar projetos mais ou menos híbridos, com um pendor mais ou menos literário, estético ou competitivo. As novidades deste Natal comprovam-no.

# AND THE WINNER IS...

## GUARDIAN CHILDREN'S FICTION PRIZE

O britânico **Alex Wheatle** é o 50º escritor a vencer o galardão com a novela *Crongton Knights*, a segunda de uma trilogia que se desenrola no centro de uma cidade dominada pela criminalidade. O jargão original e o

ritmo intenso e vívido são as principais características destacadas pelo júri que considerou que o ambiente inventado pelo escritor tem semelhanças com muitas geografias reais.



VISITA  
GUIADA  
ANDREIA  
BRITES

### **As ilustrações dos livros da Edicare e das caixas de jogos da Djeco**

chegam para chamar a atenção de quem entra no escritório, bem junto da Fonte Luminosa, em Lisboa. A sala de entrada é apenas isso, um expositor.

Também a sala de reuniões, onde se recebem os clientes de retalho, se experimentam produtos e se discutem assuntos internos da editora, parece recriar sem muito esforço a imagem de qualquer uma das lojas da Edicare. Funciona como *showroom* e a sua imagem vai mudando em função das novidades editadas. O departamento comercial, que integra cinco pessoas, alinhou as secretárias para terem uma visão direta sobre a sala, com o propósito de visualmente consultarem o catálogo e assim poderem responder mais rapidamente a dúvidas das livrarias ou darem sugestões específicas.

Com cerca de 13 anos de existência, a Edicare cresceu. A intenção de Mafalda Amaral, quando fundou a editora, era a de criar uma empresa que comercializasse jogos para crianças com necessidades especiais. A ideia ainda não se concretizou mas não está totalmente ausente dos planos da fundadora e da editora Joana Mendes. No entanto, nesta década e pouco, a Edicare centrou-se na edição de livros com funcionalidades específicas, relacionadas com o jogo, a curiosidade e a informação, a escrita criativa ou a filosofia para crianças. Desde o início do projeto, já foram editados cerca de 700 títulos, muitos dos quais

## VISITA GUIADA: EDICARE

já descontinuados. A experiência quotidiana nas livrarias tem contribuído para lançar novas apostas, como o álbum narrativo. Tem havido boas surpresas, como é o caso de *Vir ao Mundo*, um álbum pop-up em harmonio, de recortes delicados e uma estreita paleta de cores vibrantes. Na parede, emoldurada, está uma das páginas do livro, oferecida por uma cliente de retalho, que faz feiras do livro e terá aproveitado uma parte boa de um livro destruído para o converter num quadro e oferecer à equipa da Edicare.

Neste *open space* a primeira triagem é feita aqui, no departamento comercial que se encarrega da comunicação com as livrarias Edicare, com todas as outras onde a editora tem livros ou produtos da Djeco à venda, da comunicação com o armazém e ainda de muitos telefonemas. O gabinete de Mafalda Amaral é um aquário a meio do caminho, na fronteira entre o departamento comercial e editorial. Na parede em frente, estantes com novidades. Continuamos. Novo conjunto de cinco secretárias e uma visão do armazém no andar inferior, através das vidraças interiores. É o armazém central, de onde saem as encomendas para as livrarias. Há outro maior. Lá em baixo, entre paletes e caixas de livros etiquetadas com referências a destinatários e títulos, estão duas pessoas a embrulhar livros da Edicare: são encomendas de Natal para empresas. Os caixotes à vista são apenas uma parte e todos se vão revezando nesta tarefa. Subindo a escada de regresso uns holofotes chamam-nos a atenção. São para fotografar os livros para os catálogos e para as *newsletters*. As designers e ilustradoras Joana e Diana fotografam, as editoras Catarina e Joana escrevem os textos.

## VISITA GUIADA: EDICARE

A nossa paragem final é no departamento editorial onde se vislumbra um pouco de tudo o que representa a Edicare: planificações editoriais afixadas no vidro, autocolantes, caixas do correio de natal criadas propositadamente para as lojas, edições estrangeiras para avaliação que ocupam uma estante e parte da secretária de Joana Mendes (estas vieram diretamente da Feira de Frankfurt) e ilustrações. Ali está uma de *Em cima/Em baixo*, uma das novidades mais consensuais para o departamento editorial que animadamente cria *rankings* de preferências. De repente, deparamo-nos com uma figura que se repete com algumas diferenças junto das secretárias. O nome da personagem é secreto e de uso exclusivo da equipa. A inspiração foi uma das designers que o concebeu. A história é simples e encaixa num outro trilho que a Edicare tem vindo a percorrer: o da criação própria. Day by Day é uma coleção de estacionário e gift ilustrada por Diana, que surge no seguimento de uma necessidade sentida nas lojas e de uma vontade de criar e não apenas comprar. Esta personagem será uma das caras desta nova coleção que incluirá uma agenda e outros produtos. A meio do processo de criação as ilustrações foram avaliadas pelo departamento editorial e Diana ofereceu, a cada elemento da equipa, a ilustração preferida. o público terá de esperar só mais um bocadinho para escolher a sua.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA



# 2 Jogos Rápidos

+7 anos



gaLO

SOPA de LeTRAS

edicars

+7 anos

# 2 Jogos Rápidos

+7 anos



TAMBÉM QUERO JOGAR



7 AbbririntOs

edicars

Quando todas as casas que tinham o navio foram atingidas, o oponente tem de dizer que tipo de





bens barn  
Barn i Sverige  
Handmade in Sweden

ons B







LIVRO      FICHEIROS      TRADUÇÃO      PAGINAÇÃO • REVISÃO      CHECK      ENVIO      OZALIDES      ENVIO OZ.      AP OZ.      AMOSTRA      AP AM.      FOTO + FICHA

			1.ª	2.ª	3.ª	4.ª			1.ª	2.ª						
CONTOS ILUSTRADOS REPRINT (3.06)			77. 21.05 77. 21.05					70 31.05	77. 21.05					70 25.07	70 25.07	
MINI BLOCOS (4x)			Di Cat	Di Cat			não sabem	Di /	Cat 70 21.06			Cat 70 21.06	Di 30.06	Di 30.06	Di 70	
DOLLS 1.07	77. 14.06	Cat 27.06	77. 29.06 Cat 29.06	77. 29.06 Cat 30.06	77. 31.06 Cat 30.06		Taxina 30.06	77. 30.06	30 Plot 77 19.07			77. 19.07	Cat 05.08	77 23.09	77 23.09	77. 20.10
CORPO HUMANO (AROUSSE) (07.07)	Di 21.06	Cat 4.07	Di 4.07 Taxina 5.07	Di 05.07 Cat 06.07	Di 06.07 Cat 07.07	Di 07.07 Cat 07.07	70 07.07	Di 07.07	Cat 25.07 77 26.07	70 26.07 77 26.07	70 26.07	Cat int.-10.08 Cap-11.08	77 23.09	77 23.09	77 26.09	77 26.09
PETIT A PETIT (15.07)	Di 27.07	Cat 4.07	77. (taxina) Cat	77. 11.07 Cat 11.07			70 20.07	77 20.07	Cat 25.08 77 25.08			77 25.08	Cat 30.08	77 13.12	77 13.12	77 13.12
30 Seq. BRAIN (5.08)	Di 13.07	Cat 28.07	Di 01.08 Cat 02.08	Di 02.08 Cat 03.08	Di 04.08 Cat 04.08		Cat 05.08	Di 05.08	77 11.08 77 11.08			77 19.08	77 31.08	70 02-10	70 07-10	77 17.12
30 Seq. EGIPTO (27.08)	Di 15.07	Cat 08.08	77. 17.08 Cat 18.08	77. 18.08 Cat	70 15.08 Cat	77. 25.08 Cat	Cat 26.08	77 26.08	Cat 11.09 77 13.09			77 15.09	77 19.09	70 13-10	70 14-10	77 20.12
30 Seq. LEO DA VINCI (31.08)	Di 15.07	Cat 15.08	77. 16.09 Cat 13.09	77. 20.09 Cat 21.09	77. 21.09 Cat 22.09	77. 22.09	Di 23.09	77. 21.09	Cat 14.10 77. 17.10			77 17.10	Cat 20.10	70 11-11	70 11-11	77 21.12

Observações:



wipe clean

# Workbook

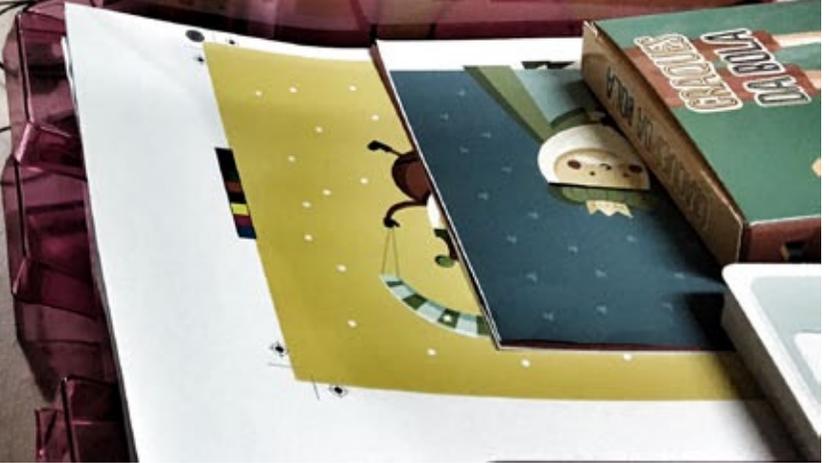
## PEN CONTROL



Um livro para desenharmos e colorirmos

Um dia no parque

Cão



Um dia no parque

*Capuchino*

*Bethan Woolvin*

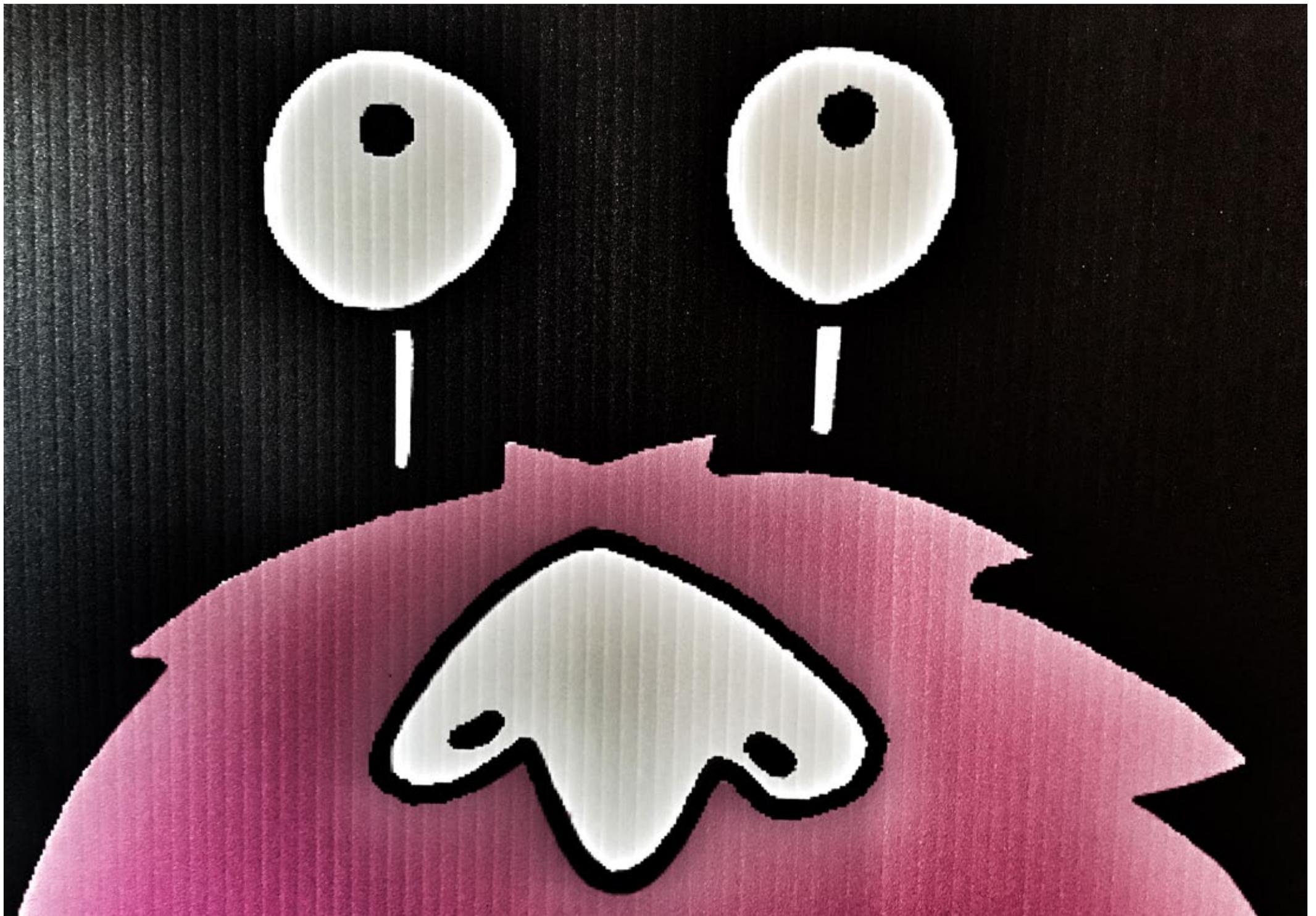










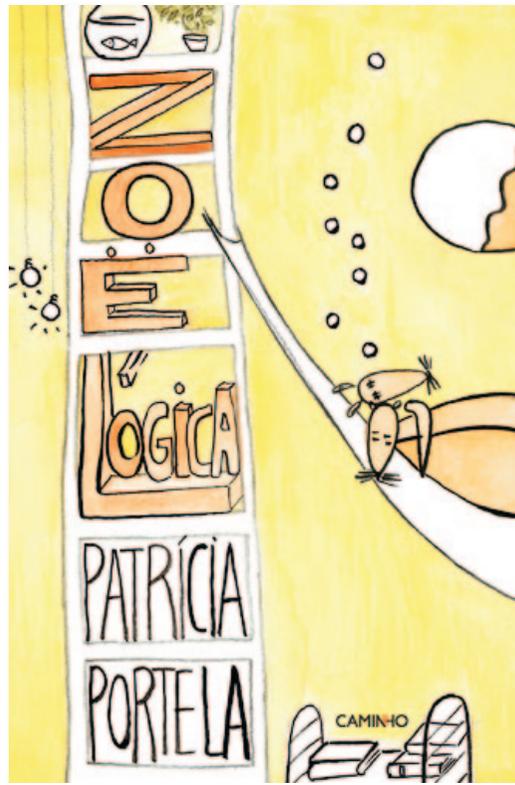


**ZoëLógica**  
**Patrícia Portela**  
**Caminho**

Este livro parte de uma premissa anunciada na contracapa: o diálogo. A autora Patrícia Portela assina o pequeno texto em coautoria com a filha Zoë fazendo saber que a criação é conjunta e nasce dos diálogos entre ambas. Desafiam, em seguida, os leitores a entrarem nesta conversa sugerindo que o objeto que se apresenta estará sempre inacabado, sujeito a esse processo que é a interpretação e que lhe devolverá novos motivos para dialogar.

A lógica de Zoë faz-se de paradoxos, associações inusitadas e jogos de conceitos. Entre questões filosóficas e urgências infantis, como a de não comer a sopa, discerne-se sobre o que se vê e o que não se vê, o tempo que passa e o que ainda não aconteceu, o que é a vida, a realidade, o sonho e a própria imaginação. Apagam-se fronteiras causais, sequenciais, espaciais. É a palavra, a sua semântica, o seu referente quem está no centro de todo o questionamento, porque é ela que se desvia em cada pequeno ato.

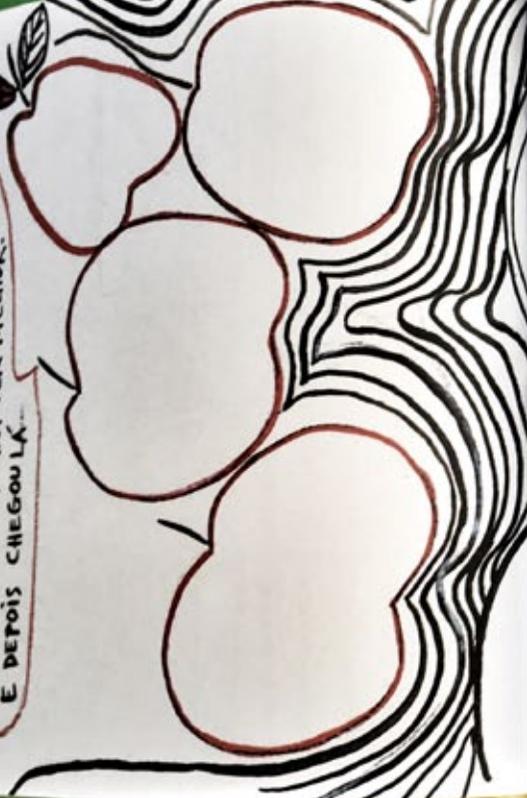
A retórica, profundamente pensada para inventariar e segmentar cada um destes processos de afastamento sintático e de transformação simbólica, parece refém de uma extrema simplicidade de raciocínio, erigida numa liberdade de sentidos que o código vai progressivamente limitando com o



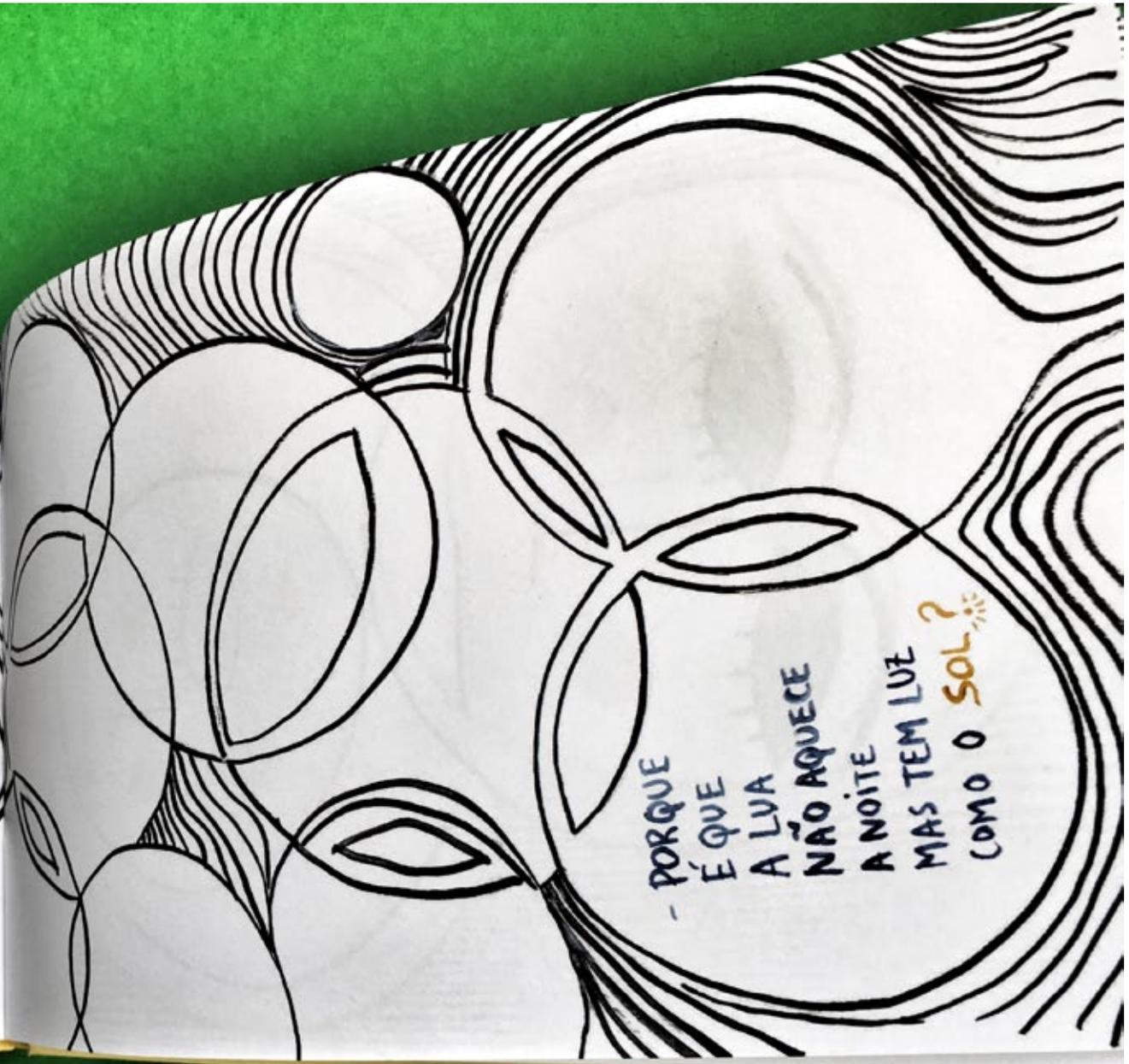
uso constante da comunicação ao longo do crescimento e da vida. Desta simplicidade desconcertante resulta um caminho inverso ao da simplificação. Da curiosidade chega-se ao espanto. Ou a silogismos inesperados: “- Mãe? / - Diz-me./

- Comer cuscuz/ e comer frango/ e comer iogurte/ faz crescer, não faz?/ - Sim, faz./ - E quando eu crescer/ vou ser muito GRANDE / E o meu rabo vai ficar tão GRANDE/ que não vai caber na cadeira da escola,/ não É?/ - É possível./ - Ah, É por isso que quando já somos/ GRANDES não vamos mais/ à escola.” A poética destas observações revela-se simultaneamente simbólica e sonora, pela cadência das enumerações e das conjunções. O grafismo, que começa na verticalidade do livro e se expande no destaque dado a certos signos, e as ilustrações que muitas vezes aconchegam os diálogos contribuem para esse sentido poético da emoção. As formas curvas que também ganham novos sentidos, os reflexos, os au-torretratos, as molduras, todos estes elementos ampliam o texto e com ele dialogam. Quando chega ao final, o leitor é confrontado com duas possibilidades: “Fim/ ou/ Boa noite”. Independentemente na escolha que faça sabe que se cumpre o desígnio e que a estas conversas outras se sucedem, em contínuo. Assim é, numa espécie de post-scriptum que ocupa a última página e a guarda final e que sintetiza a matemática pouco exata desta lógica da vida: “ Mãe? / Diz-me./ Hoje tive 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 saudades tuas!”

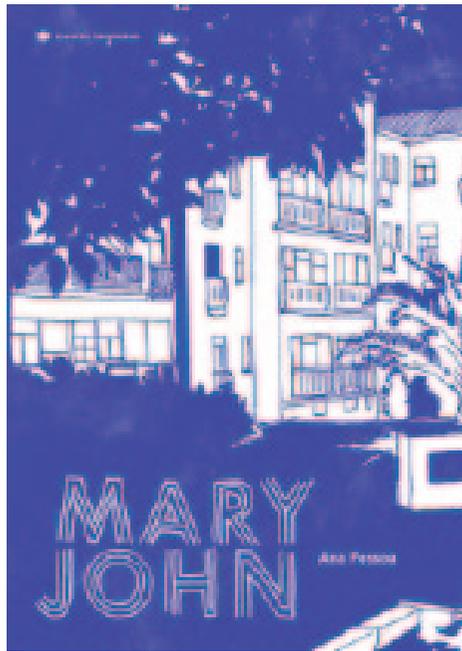
ERA UMA VER **UMA MAÇA** QUE CHÃO  
E QUE NÃO ERA PORQUE  
ERA  
TINHA PERNAS  
TINHA BRAÇOS  
TINHA BARRIGA,  
TINHA RABO, MAS NINGUÉM SABIA.  
UM DIA ESSA **MAÇA**  
QUE NÃO ERA UMA **MAÇA**,  
PORQUE ERA **UMA MAÇA**,  
IA NUM AVIÃO PARA O MUNDO, MAS COMO  
NÃO SABIA PARA ONDE IA, PRECLAVA DE  
UMA LANTERNA PARA VER MELHOR...  
E DEPOIS CHEGOU LÁ...



- PORQUE  
É QUE  
A LUA  
NÃO AQUECE  
A NOITE  
MAS TEM LUZ  
COMO O **SOL**?



**Mary John**  
**Ana Pessoa**  
**Bernardo Carvalho**  
**Planeta Tangerina**



Um nome tem dentro a voz de quem o diz, todo e qualquer movimento da boca, uma intenção evidente ou oculta. Mary John é nome de duas pessoas apenas, existe nelas mais do que no corpo e na biografia de Maria João. Quem dele se apropriou foi Júlio, ou Júlio Pirata, ou apenas Pirata. Foi quem lhe deu voz, ainda criança com sete ou oito anos, para chamar João, a menina que queria ser menina por sua causa. Deste jogo sobrevieram desafios em atos, primeiro, depois em palavras e finalmente silêncios que suspendiam. Quando Mary John partiu levou consigo o nome, agora apenas ecoando na sua memória. Com ele, uma torrente feroz de emoções, conflitos e dúvidas. Numa catarse longuíssima, a carta será a memória, o testemunho, o garante dessa identidade nascida de um primeiro amor que ficou por cumprir. Esta é a narrativa que Ana Pessoa se propõe alimentar com superior mestria. É uma literatura sem falhas. Pujante, avassaladora, veloz, coerente, verosímil.

Como já era notório nas novelas anteriores, *O Caderno Vermelho da Rapariga Karateca* e *Supergigante*, a composição das suas personagens alicerça-se em pequenos pormenores que lhes dão uma densidade biográfica. Quem são depende sempre de

episódios que justificam o corte de cabelo, a configuração do rosto, a magreza do corpo, a timidez, o sentido de humor, o medo, a coragem. Tudo o que o leitor sabe sobre Mary John, só o sabe no final, e de tal forma ela se torna próxima que o final chega cedo demais, porque impõe a separação entre quem acompanha as suas

palavras e o seu futuro imaginado. A carta tem dois tempos claramente definidos. Embora sequenciais, do ponto de vista da cronologia da ação (e não da narração), o discurso que os caracteriza pauta-se por uma abordagem distinta das emoções da protagonista. A profunda mágoa que Mary John sente em relação a Júlio até à sua partida transforma-se num progressivo apaziguamento a partir do momento em que se recria, a si e à sua nova vida. Revolta e esperança, humilhação e valorização, perda e achamento. Tudo apenas na carta porque, de facto, quando Maria João a começa já a sua vida ganha novos contornos. As primeiras palavras da carta que são as primeiras palavras do livro - «Júlio Pirata,/ Aqui estou eu.» são recuperadas na página 126, quando a narradora explica enfim o contexto que a leva a decidir escrever.

Nesta narrativa *in media res*, tudo se sucede a um ritmo acelerado que acompanha as memórias aparentemente soltas da protagonista que se desenrolam por associação. O texto compõe-se como se de uma manta de recordações se tratasse, cumprindo essa lógica de pensamento que se estrutura no risível, no momento que se cristalizou e que se recupera por causa de um som, um objeto, uma expressão, uma imagem.

Cada uma das personagens secundárias merece a mesma atenção, de tal forma que o comportamento de Liliana, a rapariga mais velha que se muda para a praceta, é descrito com uma violência pouco ou nada comum em novelas de suposta receção juvenil. É contudo essa crueza, essa agudeza linguística, esses gestos padronizados que se aplicam a cada uma das personagens que lhes dão uma dinâmica verosímil e consequentemente criam uma empatia emocional com o leitor ideal. O que esta novela consegue, e por isso é literatura de primeira água, é conjugar o singular com o universal. Rejeita a moral, o paradigma social e traz uma história de vida de uma rapariga filha de pais separados que idealiza uma relação especial e imutável com o melhor amigo, vizinho da praceta. A mudança de idade, a presença de outros que a desafiam na sua identidade, a perda de atenção, o sofrimento que questiona. E a mudança de cidade, de escola, uma motivação sustentada pelo que se perdeu. A descoberta da paixão, de si, dos outros, de que há sempre outros. A elevação da narrativa está precisamente nos pequenos apontamentos, no equilíbrio de cada um, em que nenhuma descrição está a mais. *Mary John* é uma narrativa compulsiva que surte um efeito de desconcerto. O que é literatura juvenil? É isto.





# SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

[www.somosbibliotecas.pt](http://www.somosbibliotecas.pt)



[facebook.com/somosbibliotecas](https://facebook.com/somosbibliotecas)



[twitter.com/somosbiblio](https://twitter.com/somosbiblio)



associação portuguesa de  
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

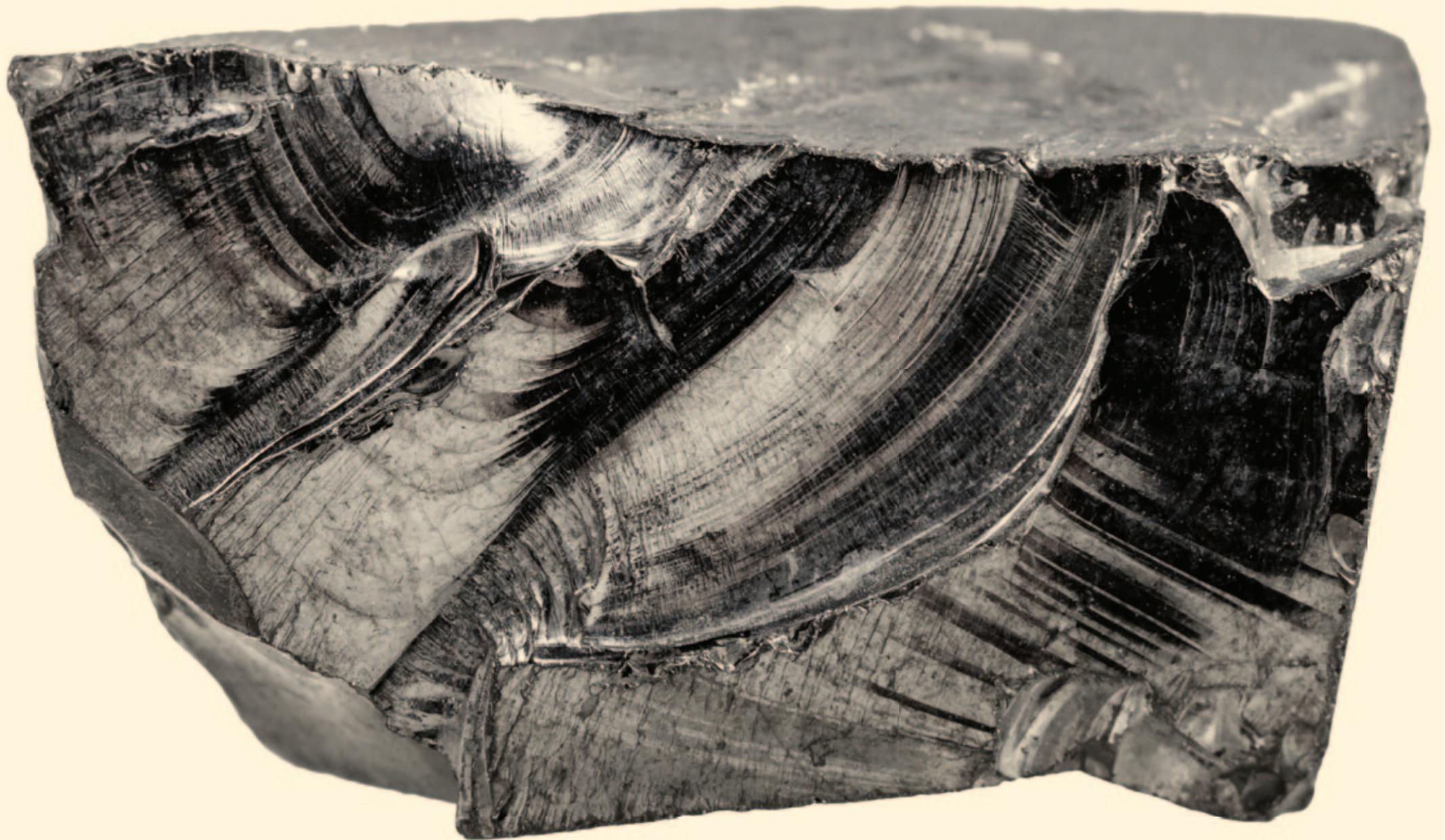
M E D I T A Ç Ã O

S O B R E U M A

**saramaguiana** JOSÉ SARAMAGO

J A N G A D A

Algumas vezes este romancista, confundido nas malhas da ficção que ia tecendo, chegou a imaginar-se transportado na fantástica jangada de pedra em que transformara a Península Ibérica, flutuando sobre o mar atlântico, a caminho do Sul e da utopia. A peculiaridade da alegoria era transparente: embora prolongando algumas semelhanças com os motivos do mais comum dos emigrantes, que parte para outras terras e busca a vida, prevalecia, neste caso, uma diferença assaz substancial, a de também comigo viajarem, em tão inaudita migração, o meu próprio País, todo ele, e, sem que aos espanhóis tivesse pedido antes a devida licença, portanto sem procuração nem autorização, a Espanha. Ora, embalado nestas minhas imaginações, notava eu que nelas não entrava qualquer sentimento de pesar, de tristeza, de aflição mais ou menos pânica, nem sequer, para tudo dizer na inevitável e tópica palavra portuguesa - saudade. Compreender-se-á já porquê. É certo que, e pelos vistos irremediavelmente, me ia afastando da Europa, mas os tecidos vitais da barca imensa que me levava continuavam a alimentar as raízes da minha identidade mais profunda e da minha pertença colectiva: logo, não



**MEDITAÇÃO SOBRE UMA JANGADA**

encontrava em mim razões para chorar um bem perdido, se realmente assim podia ser designado o que antes ganho não tinha sido, mesmo tendo tão pouco de bem.

Para não cairmos nos cansados braços da banalidade e da redundância não nos tentaremos a repetir aqui o catálogo longuíssimo das maravilhas europeias, desde os gregos e os latinos até aos felizes dias de hoje. Por demais sabemos que a Europa foi madre ubérrima de culturas, farol inapagável de civilização, lugar onde, com o passar do tempo, haveria de instituir-se o modelo humano que, seguramente, mais próximo está do projecto que Deus tinha em mente quando colocou no paraíso o primeiro exemplar da espécie. Pelo menos, é desta maneira idealizada que os europeus costumam ver-se no espelho de si mesmos, e essa é a servil resposta que a si mesmos invariavelmente vêm dando: «Sou eu o que de mais belo, de mais inteligente e de mais culto a Terra produziu até hoje.» Dito o que seria a altura de começar a redigir a decerto não menos longa acta dos desastres e horrores europeus, que acabaria por levar-nos à conclusão deprimente de que a famosa batalha

celeste, afinal, não foi ganha por Jeová mas por Lucifer, e que o único habitante do paraíso teria sido a serpente, encarnação tangível do mal e seu emblema gráfico, que não precisou de macho, ou de fêmea, se macho era, para proliferar em número e qualidade. Não faremos pois a acta, como não fizemos o catálogo. Antes cobriremos piedosamente o espelho para que não venha a ser pronunciada, sequer, a primeira palavra da resposta.

E agora basta de escatologias e ficções. De um ponto de vista ético abstracto, a Europa não tem mais culpas no cartório da história que outra qualquer parte do mundo onde, hoje e ontem, por todos os meios, se tenham disputado o poder e a hegemonia. Mas a ética, exercendo-se, como no-lo está dizendo o senso comum, sobre o concreto social, é porventura a menos abstracta de todas as coisas que, ainda que variável no tempo e no espaço, permanece como uma presença calada e rigorosa que, com o seu olhar fixo, nos pede contas todos os dias. Suponho que estamos vivendo o tempo em que a Europa deveria apresentar a juízo o balanço da sua gestão, se não pretende prolongar, com o requinte de processos que os modernos meios de comunicação



de massa permitem, o seu pecado ou vício maior, que é a existência de duas Europas, a central e a periférica, mais o consequente lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos. Já não falo das guerras, das invasões, dos genocídios, das eliminações selectivas, falo sim da ofensa grosseira que é, além dessa espécie de deformação congénita denominada eurocentrismo, aquele outro comportamento aberrante que consiste em ser a Europa, por assim dizer, eurocêntrica em relação a si mesma. Para os estados europeus ricos e, segundo a opinião narcísica em que se comprazem, culturalmente superiores, o resto da Europa é algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção da antropologia e da arqueologia, mas onde, apesar de tudo, contando com as adequadas colaborações locais, ainda se podem fazer alguns bons negócios.

Ora, não haverá no futuro próximo uma nova Europa se esta não instituir frontalmente como entidade moral, e também não a haverá se não for abolido, mais do que os egoísmos nacionais, que quantas vezes não passam de meros reflexos defensivos, o preconceito da prevalência ou da subordi-

nação das culturas. Tenho obviamente presente a importância dos factores económicos, militares e políticos na formação das estratégias continentais e seu enquadramento nas geoestratégias globais, mas, sendo por fortuna ou desfortuna homem de livros e de letras, considero meu urgente dever lembrar que as hegemonias culturais de hoje resultam, fundamentalmente, de um processo duplo e cumulativo de evidenciação do próprio e de ocultação do alheio que teve a habilidade de impor-se como inelutável, favorecido, quase sempre, pela resignação, quando não pela cumplicidade das próprias vítimas. Nenhum país, por mais rico e poderoso que seja, deveria arrogar-se uma voz mais alta. E, já que de culturas venho falando, também nenhum país ou grupo de países, tratado ou pacto, deveria propor-se como mentor ou guia dos restantes. As culturas, é tempo de começarem a entendê-lo Europa, e entendida tente ficar de uma vez para sempre, não são melhores nem piores umas que as outras, não são mais ricas nem mais pobres. Pelo destino, valem-se e equivalem-se, e pela diferença, assumida e aprofundada, é que se justificam. Não há, e esperemos que não venha a haver nunca, uma



cultura una e universal. A Terra, sim, é única, mas o ser humano não o é. Cada cultura criada pelos homens deverá ser, em si mesma, um universo comunicante: o espaço que as separa umas das outras é o mesmo espaço que as liga, tal como o mar, aqui na Terra, separa e liga os continentes.

Esse romance - «Le radeau de Pierre» - em que arranco a Península Ibérica à Europa, não seria necessário dizê-lo, é o efeito, talvez último, de um ressentimento histórico. Provavelmente, só um português poderia ter escrito tal livro. Mas o seu autor, este autor, declara que estaria pronto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido de vitalmente necessário durante a sua navegação, se a Europa, reconhecendo-se, de facto, incompleta sem a Península Ibérica, viesse a fazer pública confissão dos erros cometidos, das injustiças e dos desrespeitos com que durante tantos anos tratou dois povos a quem deve muito mais do que aquilo que tem querido reconhecer. Porque, enfim, se de mim se espera que ame a Europa como à minha própria mãe, o mínimo que devo exigir-lhe é que ame a todos os seus filhos por igual e, sobretudo, que por igual os respeite a todos. *Texto publicado originalmente no jornal Libération*



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada.  
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,  
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.  
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,  
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.  
(El descuento es válido por 10 días)



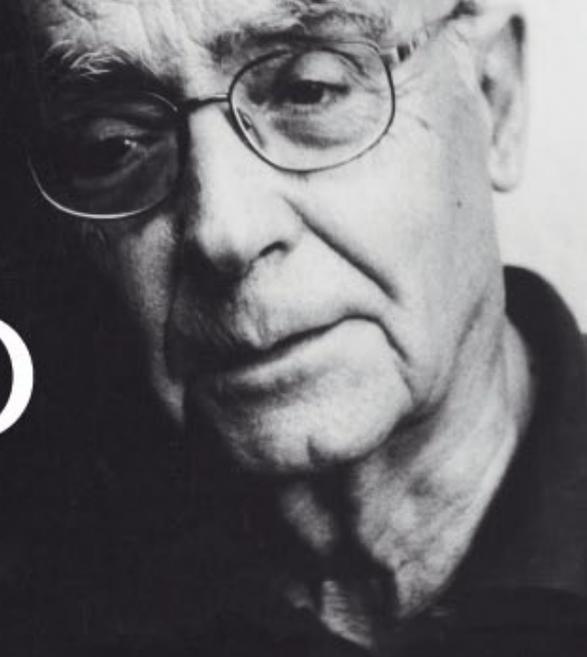
Casa Fernando Pessoa  
Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
1250-088 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270  
casafernandopessoa.pt



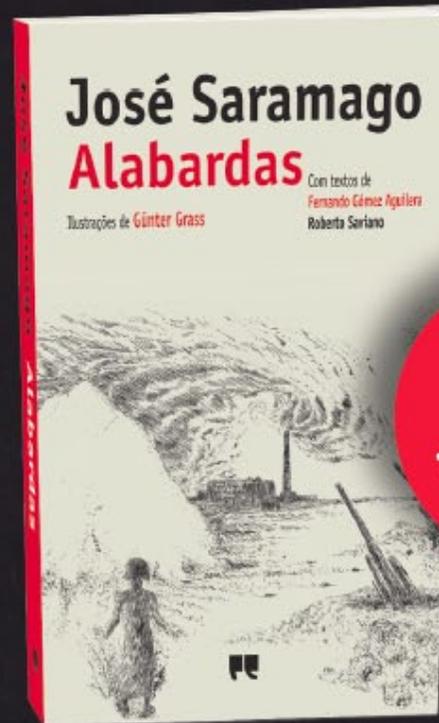
Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
1100-135 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040  
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

# JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,  
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**  
Uma última viagem na sua  
permanente vocação  
para agitar consciências.



**LIVRO  
INÉDITO**

 **Porto  
Editora**  
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação  
José Saramago**

***Que boas estrelas***

***estarão cobrindo***

***os céus de Lanzarote?***

***José Saramago, Cadernos de Lanzarote***

**A Casa José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,  
das 10 às 14h.**

**Última visita às 13h30.**

**Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.**

**Última visita a las 13h30 h.**

**Open from monday to saturday,  
from 10 am to 14 pm.**

**Last entrance at 13.30 pm.**

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,  
Islas Canarias, Canary Islands**

**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



**até**  
**30 dez**

**José Fonseca e**  
**Costa**

Retrospectiva  
integral da obra  
do realizador  
recentemente  
desaparecido,  
incluindo os  
trabalhos para  
televisão e os  
promocionais.  
Lisboa, Cinemateca  
Portuguesa.

→

**até**  
**16 jan**

**Gritos**

Dois atores da  
companhia Dos  
à Deux e uma  
panóplia de  
objetos cénicos  
manipuláveis  
propõem uma  
reflexão sobre  
o modo como  
escolhemos  
relacionarmos com  
os outros e com o  
mundo.

Rio de Janeiro,  
CCBB.

→

**até**  
**21 jan**

**A Casa**

Projeto  
multidisciplinar de  
José Cruzio, com  
a participação de  
diferentes artistas,  
em torno do  
conceito de casa.  
Tondela, ACERT.

→

**até**  
**29 jan**

**Momentos sen**  
**tempo**

Exposição de  
esculturas de  
Antonio Souto,  
arquitecto galego  
nascido em  
Ourense, que  
compõe uma série  
onde se reflete  
sobre forma e  
conteúdo.  
Santiago de  
Compostela,  
Centro Abanca  
Obra Social.

→

**até**  
**31 jan**

**Utopia, hoje**

Exposição  
colectiva de  
fotografia a partir  
de Mensagem, de  
Fernando Pessoa, e  
A Jangada de Pedra,  
de José Saramago.  
Inaugurada na  
segunda edição do  
FOLIO – Festival  
Literário de Óbidos,  
a exposição foi  
prolongada e pode  
agora ser vista até  
ao dia 31 de Janeiro.  
Óbidos, Museu  
Abílio

até  
26 fev

**Salón Francés**

Exposição que reúne o trabalho de nove artistas franceses contemporâneos que dialogam a partir das suas peças.

Buenos Aires, Museo de Arte Contemporáneo.

→

até  
26 fev

**HerSelves**

Exposição coletiva que reflete sobre a figura feminina no mundo contemporâneo, dando voz aos trabalhos artísticos de várias mulheres.

Barcelona, Blueproject Foundation.

<http://www.>

→

até  
19 jan

**La Piedra**

**Oscuro**

Peça de Alberto Conejero que parte do cenário da Guerra Civil de Espanha para indagar os motivos, equívocos e interesses que movem e sempre moveram todas as guerras. Madrid, Teatro Galileo.

→

até  
2 abr

**Fernando**

**Lemos: Para um retrato coletivo em Portugal, no fim dos anos 40**

Exposição que reúne os trabalhos fotográficos realizados por Fernando Lemos entre 1949 e 1952.

Lisboa, Museu Berardo.

→

até dez  
2018

**A Ópera Chinesa**

Exposição dedicada à ópera chinesa, destacando algumas óperas clássicas e mostrando a história desta linguagem, os seus momentos marcantes e alguns modos e práticas. Lisboa, Museu do Oriente.

→

'Eu sou de onde sou. Sou de onde nasci, sou da terra que me criou, sou da língua que falo, sou da história que o meu país tem, sou das qualidades e dos defeitos que nós temos, sou dos sonhos e das ilusões que são nossos, ou foram ou vão ser. É daí que eu sou, é aí que eu pertença.'

José Saramago, em entrevista ao *Diário de Notícias*, Outubro de 1998